

# BAGALILO

O MENINO QUE  
NASCEU PARA  
SER FELIZ



**Elson Luís de Oliveira Streb**

MATIAS  
STREB

***BAGALILO:***  
***o menino que nasceu para ser feliz***

***Elson Luís de Oliveira Streb***

**2024**

© 2024, Elson Luís de Oliveira Streb

**Título:** Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz

**Autor:** Elson Luís de Oliveira Streb

**Coordenação editorial:** Rubens Pantano Filho

**Revisão:** Gabriele Franco

**Diagramação:** Moara Editorial

**Arte da capa:** Matias da Silveira Streb

**Nota do autor:** foram feitos todos os esforços para dar crédito aos detentores dos direitos sobre as imagens utilizadas neste livro. Pedimos desculpas por qualquer omissão ou erro; comprometemo-nos a inserir os devidos créditos corretos a pessoas ou empresas nas próximas edições.

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)</b> <b>(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
S914b	Streb, Elson Luís de Oliveira. Bagalilo [livro eletrônico]: o menino que nasceu para ser feliz / Elson Luís de Oliveira Streb. – Salto, SP: FoxTablet, 2024. 137 p.: foto. color. Formato: PDF Requisito de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web ISBN: 978-85-66799-88-0 1. Streb, Elson Luís de Oliveira - Biografia. I. Título <b>CDD 920</b>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Índices para catálogos sistemáticos:

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, sem a permissão expressa do editor (Lei nº 9.610, de 19/02/1998).

Todos os direitos desta edição reservados pelos autores.



Rua Toscana, 176 – Bairro Vila Romana – Salto/SP – CEP 13321-440  
www.foxtablet.com.br / contato@foxtablet.com.br / Cel. (11) 98689-1789

*A maneira mais fácil e mais segura de vivermos honradamente consiste em sermos, na realidade, o que parecemos ser.*

***Sócrates***

## *Sobre o livro*

---

---

A presente obra é disponibilizada pelo autor e seus diversos colaboradores, parceiros, editores e patrocinadores objetivando fornecer conteúdo bibliográfico sob forma de história, para uso geral das famílias e amigos envolvidos.

É expressamente proibida e extremamente repudiável a venda, locação ou qualquer uso comercial do presente conteúdo.

O autor e seus parceiros disponibilizam este conteúdo, que é de domínio público e propriedade intelectual, de forma totalmente gratuita, pois creem que o saber e a educação são um direito de acesso livre a qualquer pessoa que assim o desejar.

## *Gratidão*

---

---

### *A paz começa comigo...*

Eternizo, neste livro, toda a minha gratidão aos meus queridos pais, avós e demais ancestrais por terem desenhado e traçado a minha caminhada terrena.

Sou muito grato pela grandeza de seus sonhos que, de alguma forma, tornaram-se hoje a minha realidade.

Minha gratidão pela oportunidade de poder, ao longo da minha jornada, observar quem sou e ter, mesmo que aos poucos, tomado a consciência de mim mesmo.

## *Dedicatória*

---

---

Dedico esta modesta obra primeiramente à minha Mãe, **Cecília de Oliveira Streb** (*in memoriam*), por ter me dado a condição, como facilitadora, de habitar esse mundo terreno e, por conseguinte, ter me proporcionado a condição e a honra de relatar, ao menos um pouco, a história da nossa família. Às minhas filhas, Marcela Almeida Streb e Rayssa Kussama de Oliveira Streb. Ao meu neto, **Lucca Noah Kussama Zatyko**, que apesar não ter Streb em seu sobrenome, leva-o em seu sangue, em sua alma e em seu modo de ser, pensar e agir. E, certamente, levará adiante, para aqueles que vierem depois dele, a história da sua existência. Aos meus irmãos, sobrinhos, primos-irmãos, a todos os meus primos e primas da Grande Família do Sul. Dedico também essa obra para os futuros Streb que virão como meus netos e bisnetos, se assim o Grande Arquiteto do Universo permitir.

## *Agradecimentos*

---

---

O Projeto desta biografia começou a ser rabiscado em 2019. E seu embrião começou a crescer exatamente no dia 01 de maio de 2020. Neste dia ensolarado de outono e muito quente.

A bem da verdade, já havia algum tempo que a ideia de escrever um livro estava sendo trabalhada. E, num tempo passado e não muito distante, eu pensava em escrever sobre a minha trajetória para o meu neto Lucca Noah.

Elaborar um livro como este exigiu tempo, dedicação, paciência, amor fraternal e buscas de muitas fontes de informações além da família.

Foram quase três anos de perguntas, questionamentos, contatos com amigos e com os familiares do Sul.

Com alguns marquei encontros virtuais e com outros recebi informações por redes sociais como fotos, depoimentos, agradecimentos e manifestações de gratidão.

Creio, sem sombras de dúvidas, que se não fosse a generosidade, a paciência e a solicitude de todos eu não conseguiria cumprir esta modesta, porém grandiosa tarefa, cuja responsabilidade eu havia assumido também como um desafio pessoal.

Ao longo desta empreitada, tive ajuda dos meus irmãos Carlos Ronaldo Streb, Rodrigo de Oliveira Streb, Olinda Terezinha de Oliveira Streb e Oli Érico de Oliveira Streb.



Além desde rol de colaboradores, outras pessoas tiveram acesso às primeiras versões e versões finais desta obra para opinarem, sugerirem ou tecerem críticas.

Passei a ter uma enorme dívida com os meus primos-irmãos: Fernando Paulo Saldanha Filho, Paulo Roberto de Oliveira Saldanha, Ibanez de Oliveira Saldanha, João Saldanha Neto, Cléia Saldanha e Sônia Maria Saldanha Correa - que durante a montagem desta obra nos deixou e foi habitar o plano superior. Da mesma forma, tenho dívidas com as minhas primas Mara Rejane do Rosário Oliveira, Nara Deise do Rosário Oliveira, Vera Lucia Santos, Vânia Santos, Izabel Cristina Oliveira da Silva e, principalmente, com a minha madrinha Martina. Ela também nos deixou em 2022; na última conversa que tivemos numa reunião de família, em Santa Maria/RS, relatou fatos sobre minha mãe que eu, é claro, desconhecia. Foi depois dessa conversa com minha madrinha que a vontade de pôr essa história no papel despertou em mim.

Eles que dedicaram seu tempo, passando informações, histórias, impressões, lendo, rascunhando, opinando e modificando meu texto, a fim de deixá-lo o mais leve, fluido e correto possível. Não é possível mensurar o tamanho de meu agradecimento por isso.

Meu Sobrinho Matias Streb, um verdadeiro artista e mestre nos desenhos, criou a capa desse livro e colaborou imensamente, com muita paciência para produzir o desenho do meu jeito.

Por outro lado, ousou dizer que a minha vida não faria o menor sentido se não fosse, primeiramente, a minha família que me apoiou neste desafio. A Maurina Ferreira de Almeida (MOU), minha esposa e o amor da minha vida. A minhas filhas, Marcela Almeida Streb e Rayssa Kussama de Oliveira Streb, e ao meu netinho, Lucca Noah Kussama Zatytko, que foram parceiros. Eles tiveram o entendimento da responsabilidade

desta obra, do trabalho dispensado a ela e do tempo que não fiquei com eles para dedicar-me a este desafio. Obrigado, meus amores, por compreenderem, incentivarem e confiarem neste pequeno aprendiz de escritor. Num segundo momento, se não fossem os meus amigos que costumeiramente os chamo de “Amigos Pessoais”, eu certamente estaria estacionado num dos capítulos desta obra.

E digo-lhes mais: se não houvesse o amor envolvido entre mim e todos vocês, com certeza eu nada seria.

## *Palavras do autor*

---

---

Antes de tudo ou de qualquer coisa, devo declarar que esta modesta obra não foi escrita ou feita por um especialista expert em histórias e narrativas. Mas, tão somente, por um aprendiz de escritor que tinha como objetivo apresentar ao seu neto, de uma forma simples, porém lúdica e romantizada, o conhecimento da história da sua existência. Assim o faço, tendo em vista que na minha geração pouca informação tínhamos sobre nossos antepassados e, a exemplo desse que vos escreve, pouca informação tive sobre a família do meu pai Mário de Lima Streb. Sendo esta, mais do que qualquer outra, a justificativa para esta obra que, com muito trabalho, busca um resgate do passado, da história de uma família e de um cidadão nascido no século passado, mas que ainda hoje percorre os caminhos da jornada terrena em busca de ser um cidadão livre e de bons costumes.

Uma coisa é certa, não tenho a menor intenção de escrever algo grandioso como uma biografia ou algo que possa servir de estudos acadêmicos para reflexões, até porque minha formação em Filosofia e minha vontade de escrever na condição de autodidata, não me dão nenhum alicerce para me aventurar como tal. Busco apresentar apenas um relato da história da minha existência, compartilhada com todos e sendo esta apenas uma ótima razão para dedicar-me a esta obra.

Preciso dizer com muita honestidade: reconheço que tive muita dificuldade nessa pesquisa da história da minha família, seja pela complexidade de resgatar e relatar fatos já ocorridos, que trago apenas como pequenas lembranças, seja

pela simplicidade do texto ou pela complexidade do tema família.

Confesso também que me aventurar nessa missão, em meio a pandemia do Covid-19, em isolamento social, falar de mim, da minha família e da minha caminhada terrena foi bem impactante. Diria também que foi desafiador, porém em nenhum momento foi desanimador.

Ao olhar-me no espelho, reconheço-me como um aprendiz de escritor. Portanto solicito aos meus amigos, meus irmãos e meus familiares que tenham a devida consideração para com as incompreensões e, possivelmente, para muitos esquecimentos, erros e equívocos de interpretação ou relatos de histórias cometidos nesse pequeno livro.

## *Prefácio*

---

---

Entre a fantasia que povoa a nossa mente e a realidade nua e crua que vivenciamos, existe um lugar que estabelece a sincronicidade da vida. Este lugar, que chamarei carinhosamente de “beco”, em homenagem ao recanto encantado por onde o autor viveu grande parte de sua infância, retrata talvez a sua primeira experiência na busca pela felicidade e leva-nos a viajar com ele neste sonho.

Descobrirmo-nos aprendizes e valorizar cada progresso realizado ao longo do caminho são os primeiros passos da caminhada. Não há que se temer o tempo e nem as intempéries. Como nos diz o autor: “Sentir a chuva é diferente de estar molhado”.

Aos olhos alheios e menos atentos a esta obra, talvez pare o julgamento, mas não aos olhos de Bagalilo... que permaneceram fiéis ao que cria, enchendo-lhe o coração de chuva, esta verdadeira irmã do sol, que faz brotar o alimento da alma de quem é feliz por dar-se frutos.

Assim, cada personagem desta história, relatada na exatidão do esquadro e circundada pela abertura do compasso do Criador, faz-nos perceber e resgatar os “bagalilos” que temos em nós; ou, em outras palavras, “o prendedor de sonhos e detentor da felicidade de quem conjuga sem medo o verbo Amar” ... Eis, pois, para mim, sua melhor definição.

*Almiro José Andrade Júnior*  
*“Plus amicus, frater.”*

## *Sumário*

---

---

Capítulo I – Distanciamento social .....	15
Capítulo II - A Princesa do Jacuí .....	21
Capítulo III – Um músico tocador de tuba.....	33
Capítulo IV - A dualidade do encontro e da despedida .....	37
Capítulo V – Uns sentem a chuva, outros apenas se molham	41
Capítulo VI – Um novo passageiro neste mundo .....	44
Capítulo VII - O destino mexe as peças da vida como num jogo de xadrez .....	52
Capítulo VIII - A família cresceu .....	56
Capítulo IX - O beco da Visconde de Pelotas.....	62
Capítulo X - A Vila Tupinambá.....	69
Capítulo XI – Um elo com a Rua Moron.....	72
Capítulo XII - A viagem ao Oriente Eterno .....	77
Capítulo XIII – As graças de um anjo negro .....	80
Capítulo XIV – Ganhando o mundo .....	83
Capítulo XV - O amor falando mais alto .....	85
Capítulo XVI - O xeque-mate do destino .....	92
Capítulo XVII – Para sempre.....	100
Capítulo XVIII – Um porto seguro chamado família .....	103
Capítulo XIX – Novas jogadas no tabuleiro da vida .....	106

Capítulo XX – Augustos Mistérios.....	110
Capítulo XXI - A iluminação do anjo “Noah”.....	114
Capítulo XXII – Sobreviventes num mundo novo.....	118
Capítulo XXIII – Gracias a la vida .....	123
Capítulo final.....	127
Fim .....	129
Créditos .....	130
Sobre o autor .....	132
Outros títulos do autor.....	134

## *Capítulo I – Distanciamento social*

---

---

Quinta-feira, 30 de abril de 2020 – em meio à pandemia.

Era o ano de 2020 e o mês de abril findava diferente de todos os outros que já havíamos vivido. Um mês em que fazíamos uma reflexão sobre sua retrospectiva e observávamos que grande parte dos seus trinta dias havia pesado negativamente na balança que sutilmente media a batalha entre o bem e mal.

E o mal esteve em evidência nos últimos meses. Bastava-nos apenas um olhar para o passado recente e tínhamos a certeza.

O mal despontou em cada esquina. Trancou todo o mundo em casa, por ocasião de uma pandemia ocasionada por um vírus mortal chamado COVID-19. Como se não bastasse o mal dessa pandemia, ele se fazia presente na ambição, na ganância, na corrupção, na falta de fraternidade, no egoísmo e na dureza dos corações.

O mal ainda tomava conta dos corações daquelas pessoas que queriam desagregar, manipular e usar as outras para conseguirem seus objetivos. Estava presente naqueles que sentiam inveja, achavam-se inferiorizados ou gostariam de ser, contudo não eram. Ainda estava presente naqueles que gostariam de ter o que você tinha, de ser o que você era, além de contaminar aqueles que se deixavam levar pela vaidade.

Entretanto, meus caros leitores, essas pessoas esqueceram que neste pequeno Orbe chamado Terra, existiam pessoas como eu, como você e como muitos outros. Esqueciam



*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

que aqui também habitavam os otimistas! Os que acreditavam no bem. Os que eram do bem.

Esqueceram dos que acreditavam na Luz, dos que eram de luz e dos que vibravam em frequências diferentes e não se deixavam abater nem influenciar.

E você é do bem. Eu sei! Se não fosse, não estaria lendo este livro.

Então, nós, que éramos do bem, sabíamos que todas as coisas da Terra passariam e que os dias de dificuldades também iriam passar. Assim como passariam os dias de amarguras e de solidão.

Mais um mês findava, meus amigos. E outro chegava anunciando mudanças para nos encher de esperanças e certezas de que tudo na vida realmente passaria.

E ao nos preparamos para maio de 2020, dessa Era Vulgar, havia um convite geral a toda humanidade. Um convite para não desistir! Para não se resignar ante as ações do mal.

Vibrávamos em novas frequências e lançávamos ao Universo os nossos pedidos para sermos do bem, vivermos do bem e fazermos o bem. Fazíamos, ao Universo, o nosso pedido de proteção contra aquele mal invisível. Aquele mal que matava!

O Universo iria nos retribuir! Tínhamos essa certeza. Pois, o bem que existia dentro de cada um exacerbava e ofuscaria o mal com sua Luz.

Fizemos isso! Para entrar num novo mês com a grande certeza de que o bem venceria o mal. Que havia, neste mundo, pessoas boas e do bem.

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

Entramos no novo mês com a grande certeza de que o amor seria eterno. Simples assim... Bem assim, como nos diziam os versos poéticos de Nelson Cavaquinho<sup>1</sup>:

*O Sol há de brilhar mais uma vez  
A luz há de chegar aos corações  
Do mal será queimada a semente  
O amor será eterno novamente  
É o juízo final  
A história do bem e do mal  
Quero ter olhos pra ver  
A maldade desaparecer  
O amor será eterno novamente...*

Essas estrofes, para nós, eram um alento. Como se quisessem nos dizer: coragem! Vamos sair dessa! E este mês será cheio de luz e de muito...bem.

Então, numa tarde ensolarada do feriado de 1º de maio, data marcada por ser uma comemoração sem comemorações, pois todo o país estava em turbulência política, em quarentena e isolamento social. Não era aconselhável sair de casa, sob pena de ser infectado pelo Covid -19 um vírus mortal que atacava primeiramente os pulmões e podia levar as pessoas à morte.

Nesse período de pandemia e de isolamento social, as pessoas sentiam falta de conviver umas com as outras, sentiam

---

<sup>1</sup> Nelson Cavaquinho, nome artístico de Nelson Antônio da Silva, foi um importante músico brasileiro. Sambista carioca, compositor e cavaquinista na juventude, na maturidade optou pelo violão, desenvolvendo um estilo inimitável de tocá-lo, utilizando apenas dois dedos da mão direita..

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

saudade de seus familiares e das reuniões semanais. Todos estavam confinados e pensativos sobre os propósitos do Grande Arquiteto do Universo para com o planeta. Havia comoção, sentimentos de todas as naturezas e uma necessidade enorme de que tudo passasse rapidamente para vida poder voltar ao normal e as pessoas pudessem sair de suas casas e abraçar seus familiares e seus amigos.

A única possibilidade de reunirem-se com todos, seja para encontros familiares ou de trabalho, era através das ferramentas virtuais de relacionamentos disponíveis naquela época.

Deitado, confortavelmente no sofá da sala, eu assistia ao pequeno vídeo do meu neto, que acabara de aprender a nadar. Conversávamos sobre nadarmos juntos tão logo a pandemia cessasse.

Lucca Noah, o menino brilhante e de longa vida, (pois, assim era o significado do seu nome). Meu primeiro neto, numa dessas conversas virtuais pediu-me que lhe contasse uma história bem bacana a cada vez que esses encontros virtuais acontecessem, para que pudéssemos ficar mais tempo juntos, ainda que fosse através das vídeo chamadas pelo telefone celular. Lucca Noah é filho de Rayssa, minha filha mais velha, fruto de um relacionamento na década de 90. Uma linda mulher com um par de olhos mansos, tão pretos, como um par de jaboticabas maduras. Tem no seu semblante a liberdade dos campos e dos anjos a candura. E como dizia um poeta, quem andasse sob aqueles olhos não tinha medo de nada.

Fiquei pensativo sobre como contar uma história que, para o menino, fosse instigante ao ponto de ficarmos conversando através de vídeo chamada sem que ele perdesse o interesse na conversa. Ele é um menino ativo e ao mesmo tempo meigo, educado e dono de uma fluência ao falar que impressiona.

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

Lembrei-me imediatamente do *sentimento de tornar-me avô* que tive, quando soube que iria ser um:

“Primeiro amamos nossos filhos... Eles crescem e, às vezes, sentimos saudades do tempo em que eram pequeninos”.

No entanto, quando eles se casam, ou não, quase sempre nos presenteiam com pequeninos seres que são nossos netos. Como será ser avô? Acho que é bom ser avô... Pensava eu, na época.

Quando alguns dos meus amigos tornavam-se avós e diziam-me que o amor pelos netos era maior do que o amor que sentimos pelos nossos filhos, eu não acreditava. Mas, hoje, eu já começo a compreender o que diziam meus amigos.

Já estou entendendo e sentindo que... ser avô é simplesmente sublime. É um sentimento que preenche nossos corações e alegra-nos quando nos lembramos deles, mesmo quando ainda estavam para chegar. Quando pensávamos como seriam, quando nos encontrássemos, como iríamos conviver e como seríamos companheiros um do outro.

Creio que nossos netos são presentes dados por nossos filhos. São também um presente de Deus por ter nos permitido primeiro ser pai e, depois, viver o suficiente para ver os filhos de nossos filhos.

Há seis anos, começava uma nova fase da minha vida.

Começava um sentimento nunca antes sentido.

Começava um novo capítulo das nossas simples e humildes passagem pela terra.

Começava um novo ciclo de renovação, de união e de harmonia familiar... E o moleque veio com muito amor, saúde e, principalmente, com a missão de distribuir... luz, positividade e...amor!

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

E assim aconteceu, tudo conforme os desígnios e as vontades do Grande Arquiteto Criador do Universo.

Voltando para a videochamada... após esta pequena viagem no tempo, respondi ao meu neto: *“OK! Vou te contar uma história super interessante”*.

— Qual história, vovô? Vamos começar? Estou curioso!

Então, eu disse-lhe: “Vou te contar a história do Bagalilo. Um menino que queria ser feliz...”.

## ***Capítulo II - A Princesa do Jacuí***

---

---

Era uma vez, lá no século XX, numa pacata cidade chamada Santa Maria, localizada aos pés da Serra Geral, bem ao centro do Estado do Rio Grande do Sul. Os morros, que quase circundavam a cidade, deram-lhe também o apelido carinhoso de Santa Maria da Boca do Monte. Ali, o inverno já havia chegado, trazendo, no mês de julho de 1958, as temperaturas quase abaixo de zero. Apesar do frio, um belo dia de sábado amanhecia ensolarado, derretendo lentamente a geada que caiu durante a noite sobre a quinta maior cidade do interior do estado do Rio Grande do Sul.

Cecília era a irmã mais jovem de uma família de treze filhos e estava acompanhando Maria, uma das irmãs mais próxima a ela, em uma viagem com destino à Cachoeira do Sul. Lá, Maria iria encontrar-se com o marido Fernando Paulo Saldanha que foi conhecer o quartel do exército, onde iria servir após uma promoção. Sairiam para jantar naquele mesmo dia. As duas andavam sempre juntas e Cecília, desde os seus 15 anos, talvez por determinação dos pais, sempre acompanhava Maria quando esta saía, desde o tempo em que namorava o Saldanha. “Segurava a vela” para o casal, como se costumava dizer naquela época.

Cecília, no auge dos seus 25 anos, era uma mulher morena, de cabelos castanhos escuros, cortados na altura dos ombros, penteados para o lado direito do seu rosto. Sua pele morena, seus olhos castanhos escuros e sua pequena altura,

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

assemelhavam-se aos índios Minuanos<sup>2</sup> e aos Tapes<sup>3</sup> (os primeiros habitantes conhecidos na região onde surgiu a cidade). Além disso, era dona de uma certa timidez que insistia em fazer seu olhar ficar sempre voltado para baixo. Maria, também morena, de rosto arredondado, porém angelical, tinha a pele mais clara e gostava de pentear os cabelos longos, repartindo-os ao meio formando duas tranças que fixava atrás da cabeça dando um belo tom harmonioso no penteado.

Figura 1 - O jantar em Cachoeira do Sul.



Fonte: Acervo do autor.

Ao subirem no ônibus, Cecília não pode deixar de observar com o canto dos olhos, o motorista. Era um jovem loiro, de olhos azuis da cor do céu, usava os cabelos

---

<sup>2</sup> Os Minuanos foram um grupo indígena que habitava os campos no sul do estado brasileiro do Rio Grande do Sul, bem como o Uruguai. Foram os primeiros habitantes conhecidos, na região hoje ocupada pelo município de Santa Maria/RS.

<sup>3</sup> Os Tapes foram um grupo indígena aparentados com os guaranis,

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

umedecidos com pomada brilhantina<sup>4</sup> e penteados para trás da cabeça. O jovem aparentava ser um pouco mais velho do que Cecília e permanecia sentado sobre o banco do motorista aguardando pacientemente os passageiros subirem e entregarem-lhe as passagens.

Figura 2 – O Jovem Mario Streb.



Fonte: Acervo do autor.

---

<sup>4</sup> A brilhantina é um cosmético apresentado na forma de pomada utilizada para modelar o cabelo. Sua composição é basicamente de parafina líquida, vaselina, essência e óleo mineral. O auge do seu uso foi na década de 50.



*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

Na hora determinada, o ônibus partiu em direção à Cachoeira do Sul, que ficava a uma distância aproximada de 120 quilômetros. Saíram de Santa Maria, passando por Camobí, Restinga Seca e outros vilarejos pelo caminho.

Como era linda a paisagem ao amanhecer, com os campos cobertos por um véu branco de geada como se tudo estivesse sendo preparado e enfeitado para a passagem das duas irmãs. Durante grande parte da viagem, era possível ver as imensas plantações de arroz, cujas águas, represadas para o plantio dos grãos, refletiam o céu azul e lembravam grandes espelhos cuidadosamente colocados sobre os campos verdes para refletir aquele manto azulado.

Figura 3 – Morro Agudo.



Fonte: Disponível em <http://www.achetudonaserra.com.br/morro-agudo/>. Acesso em: 25 maio 2023.

O vento soprava forte e fazia a geada dispersar em forma de serração e, em alguns momentos, mal dava para

avistar pela janela o morro agudo<sup>5</sup>. Havia uma elevação da serra, que margeava a região e era conhecida como Cerro Chato por ter o seu cume achatado (como se Deus tivesse cortado sua ponta e jogado a terra às margens do rio Jacuí, que serpenteava a região).

Logo em seguida, o ônibus cruzava a ponte sobre o imponente rio Jacuí, com suas águas barrentas de correnteza forte e uma largura impressionante entre suas margens devido às cheias, principalmente na época do inverno. Quem passava por esta ponte já começava a pensar que a chegada à Cachoeira do Sul estava próxima. Dava até para imaginar a cidade logo ali, depois da próxima curva do rio. Mas antes era preciso passar em Paraíso. Um pequeno povoado antes de chegar realmente ao verdadeiro paraíso que era Cachoeira do Sul. Uma cidade que nasceu banhada por esse mesmo Rio Jacuí que, antes de beijar caprichosamente a cidade, passava com suas águas sobre as comportas da Ponte do Fandango. Ali, havia um desnível que fazia as águas caírem em forma de uma pequena cachoeira provocando turbulência e correntezas fortíssimas. Um belo acidente geográfico deu origem ao nome da cidade, considerada uma das quatro capitais farroupilhas<sup>6</sup> e a maior cidade às margens desse esplendoroso rio. Por ser assim, Cachoeira do Sul também era conhecida com a Princesa do

---

<sup>5</sup> Este geomonumento possui uma elevação de aproximadamente 429 metros sendo formado pela associação de rochas sedimentares e vulcânicas (Formação Guará – Juro - Cretáceo e Formação Serra Geral – Cretáceo Inferior). Ele é considerado um morro testemunho, ou seja, a sua formação deu-se através do recuo das encostas do Planalto. O nome do município surgiu em virtude deste morro – Morro Agudo – e foi dado pelos primeiros colonizadores alemães em função de sua forma pontiaguda.

<sup>6</sup> Em 20 de setembro de 1835 estourou a Revolução Farroupilha no Rio Grande do Sul, o topo do protesto contra os impostos sobre o charque e uma tentativa de formar uma nação democrática no sul do Brasil. O município de Cachoeira adere ao movimento em 23 de setembro, por isso é considerada uma das quatro capitais farroupilhas.

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

Jacuí é intitulada a Capital Nacional do Arroz, devido aos seus laços históricos com este grão.

Figura 4 – Ponte do Fandango.



Fonte: Disponível em: <https://auonline.com.br/2021/10/89207.html>. Acesso em: 25 maio 2023.

Entre uma paisagem e outra, Cecília olhava despreziosamente para o grande espelho retrovisor da cabine do motorista e pode perceber que ele, vez ou outra, também fixava o olhar em sua direção. Maria, pensando na hora de chegar e encontrar Fernando, nem percebia o flerte que se iniciava durante aquela viagem - que já durava algumas horas sobre aquela estrada de cascalho sinuosa e empoeirada.

Mais alguns quilômetros e a paisagem começa a mudar, sendo possível avistar as fazendas com seus silos e grandes armazéns para estocagem do arroz. Era um sinal de que Cachoeira do Sul estava logo ali à frente.

Os ponteiros do relógio aproximavam-se do meio-dia quando as duas chegaram à estação rodoviária. Saldanha já as

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

aguardava ansioso e logo correu ao encontro delas. Era um sujeito apessoado, moreno, alto, olhos escuros e um pouco puxados que deixavam o seu olhar mais sereno. Sobrancelhas grossas, bem desenhadas e seus cabelos eram negros, finos, penteados ligeiramente para o lado. Quando era possível, nas folgas ou férias do exército, usava um bigode bem aparado e fininho, o que lhe dava um certo charme e um ar de malandragem da juventude. Gostava de vestir-se elegantemente e, para receber as irmãs, apresentou-se trajando uma calça de linho branca, sapato marrom com detalhes em branco no bico e nos cadarços. A camisa também era branca, assim como branco era o blazer em linho, muito bem passado e engomado.

Antes de deixarem o local, Cecília viu o motorista acenando para ela, como se quisesse lhe dizer alguma coisa. Foi, então, que ele aproximou-se dela perguntando se havia gostado da viagem. Era apenas uma desculpa para puxar assunto e conhecer melhor aquela morena tímida. Conversaram por alguns rápidos minutos e despediram-se não sem antes, aquele rapaz que se chamava Mário, combinar de encontrá-la na praça da Matriz, no dia seguinte.

Era domingo e Mário chegou para o encontro, sentando-se junto ao lago do chafariz que tinha o nome em francês de *“Château d’Eau”*. Um dos mais belos monumentos de Cachoeira do Sul, construído em 1925, inspirado na cidade mitológica de Atlântida, citada nos manuscritos do filósofo grego Platão<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> Platão foi um filósofo e matemático do período clássico da Grécia Antiga, autor de diversos diálogos filosóficos e fundador da Academia em Atenas, a primeira instituição de educação superior do mundo ocidental.

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

Figura 5 – Chateau d`Eau.



Fonte: André Regius. **Chateau d`Eau**. 2012. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ch%C3%A2teau\\_d%27Eau\\_-\\_Castelo\\_das\\_%C3%81guas\\_-\\_Cachoeira\\_do\\_Sul\\_-\\_panoramio.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ch%C3%A2teau_d%27Eau_-_Castelo_das_%C3%81guas_-_Cachoeira_do_Sul_-_panoramio.jpg).

Que belo monumento! Era uma caixa d'água reservatório que tinha a finalidade de levar água a um outro reservatório de abastecimento da cidade e tornou-se uma linda e imponente obra de arquitetura decorada com a estátua de Netuno bem no alto. Abaixo, próximo ao lago, ninfas despejavam dos jarros sob seus braços as águas que caíam sobre o lago artificial repleto de carpas coloridas e algumas tartarugas. O monumento era redondo e tinha colunas também

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

arredondadas. Era possível chegar embaixo deste reservatório suspenso por estas colunas, através de quatro pontes sobre o lago, com grades de ferro montadas de forma artística e subir seis degraus das escadas com corrimões feitos de uma mureta decorada com uma espécie de capitéis arredondados, que davam acesso ao centro do monumento, como se este fosse um coreto.

Mário vestia calças brancas, talvez de linho, camisa branca com o primeiro botão aberto próximo ao pescoço, um blazer bege de lapelas largas. Sapatos e cinto marrom e um suspensório que era possível ver através do blazer aberto. Era vaidoso e parecia gostar de harmonizar as peças que usava.

Cecília chegou logo em seguida usando uma saia preta até os joelhos, sapatos pretos com amarras em laço, nos tornozelos e uma blusa branca sob o casaco de tom mais escuro. Puseram-se a conversar por longas horas, iniciando ali uma relação e um sentimento mais forte que brotava entre os dois. Mário comentou que morava em Santa Maria, trabalhava como motorista dos ônibus circulares da empresa Expresso Medianeira e estava naquela viagem fazendo um trabalho extra no fim de semana.

Passaram-se alguns meses após aquela viagem e o primeiro encontro. Mário e Cecília, agora em Santa Maria, encontravam-se com frequência e ficavam mais próximos a cada dia.

Mário continuava na profissão de motorista e Cecília com seus afazeres na casa dos pais. Ela ajudava Maria sempre que possível cuidando dos filhos dela. Cecília desenvolvera uma relação muito próxima com aquelas crianças e estava sempre junto a elas, como se seus filhos fossem. Maria teve Sônia, em 1946; Fernando Paulo Saldanha Filho, a quem todos chamavam de Paulinho, em 1947; o Ibanez, em 1948; o Paulo Roberto, em 1951, cujo apelido veio a ser “Titio”; e por último,

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

em 1953, o caçula da família que foi batizado com o primeiro nome em homenagem ao avô João, sendo adicionado ao seu último sobrenome a palavra “Neto”. Logo a seguir, lá por meados de 1957, a casa se encheu de alegria, com a chegada de uma menina que tinha o lindo nome de Cléia. Era filha do Saldanha e fruto de um relacionamento de outros tempos, que Maria, com seu enorme coração de Mãe, acolheu como sua filha e irmã de seus filhos.

O namoro de Cecília e Mário continuava bem. Porém, Mário precisava confidenciar algo a ela, que talvez mudasse suas vidas e seu relacionamento naquele momento. Mário era casado e já tinha dois filhos. Repentinamente o mundo havia caído, principalmente para Cecília pois uma relação assim, não seria possível e muito menos aceita pela família e pela sociedade. Ele havia se apaixonado por Cecília e o sentimento ficou maior do que deveria. Fez questão de dizer isso a ela.

Muito embora a tristeza tivesse tomado conta de ambos, algo começa a mudar os pensamentos de Cecília. Não era possível controlar um sentimento nunca sentido. O sentimento do Amor verdadeiro. Resolvera, então, seguir seu coração e entregar seus sentimentos de amor ao destino que iria se encarregar de escrever os próximos capítulos daquela história, mesmo sabendo que isso poderia ter grandes e graves consequências.

Os dois mantiveram o relacionamento, assim como o segredo sobre a situação de Mário.

Era mês de agosto, quase primavera e, apesar das adversidades no relacionamento, tudo caminha bem entre os dois. Dizia um ditado popular da época que quando tudo estivesse ruim, poderia ficar ainda pior. E uma outra surpresa apresentava-se aos dois. A esposa de Mário estava grávida. Mais um baque e mais um estremecimento da relação. Mesmo assim o amor falou mais alto e mantiverem o relacionamento.

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

Estava findando a primavera e o ano de 1958. Dezembro chegava esplêndido trazendo temperaturas elevadíssimas próximas aos 40 graus. Fato que gerava uma sensação térmica ainda maior devido a cidade estar aos pés da serra geral, numa depressão, o que deixava a cidade assemelhando-se a um forno bem quente. Além disso, em determinadas épocas do verão, Santa Maria era castigada por fortes ventos quentes. Fenômeno este que foi batizado de Vento Norte.

Que ventania incrível era aquela, que varria a cidade, derrubava tudo que encontrava pela frente, destelhava casas, levantava poeira que entrava nos olhos. O Vento Norte mexia até com o comportamento e o humor das pessoas. Tão forte que quase arrastava quem andasse a pé, principalmente pelas ruas do centro da cidade.

Ah, o mês de dezembro! Mês de alegrias, festas natalinas, presentes, surpresas, boas notícias, grandes expectativas de um ano melhor. Tudo se encaminhava para um esplendoroso fim de ano. Entretanto, algo não estava bem. Cecília não passava bem, sentia-se mal uma ou outra vez. Buscou auxílio médico para saber o que estava acontecendo. Uma novidade! Algo que iria mexer, mais uma vez, com a vida e os sentimentos daquele casal de namorados. Toda aquela alegria, felicidade, parceria, cumplicidade começou a ruir tal qual as ruínas de uma grande e antiga construção, abatida pelas intempéries dos tempos. Chegou uma gravidez inesperada e Cecília viu-se numa situação terrível. Não poderia e não deveria estar grávida. Como isso seria possível? O que seus pais, suas irmãs, seus irmãos e todos os familiares iriam pensar? Logo ela? A caçula da família, a queridinha de todos? A situação era desesperadora e o destino havia lhe pregado uma peça.

Que notícia bombástica! Que tempestade! Os dois em situação desesperadora, ainda não sabiam que a família de



*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

Cecília havia descoberto a situação de Mário. Um homem casado, com dois filhos, um terceiro para nascer com a atual esposa e outro agora com Cecília. Todas as alegrias de um mês de dezembro festivo, tornaram-se um tormento e tristeza para todos. Ninguém aceitava esta relação. Para a família era algo inconcebível e o caos instalou-se. Principalmente os pais não aceitaram.

Entretanto, muitos, na vida, já viveram grandes amores. Em tempos não muito distantes, daquele 1958, um Rei Inglês abdicara do seu reinado por amor a uma mulher americana que era divorciada.<sup>8</sup>

Foi então que ambos decidiram ir contra tudo e contra todos planejando uma fuga para viverem e lutarem por aquele amor. Partiriam, como dois fugitivos, rumo à Cachoeira do Sul, abandonando suas famílias que ficariam tomadas pela tristeza e decepção. Em uma, a mulher havia sido abandonada grávida com dois filhos. Em outra, perderiam uma filha grávida de um homem casado. Um grande vazio instalou-se naquela família, moradores da rua Ângelo Bolson. Sabia-se lá quando Cecília, depois da fuga, iria ver seus pais novamente e quando eles e toda a sua família iriam lhe perdoar e aceitar seu relacionamento.

---

<sup>8</sup> Em 1936, o rei da Inglaterra, Edward VIII, não contava um ano de reinado, quando decidiu abandonar a mais importante coroa do mundo para casar-se com uma norte-americana divorciada, a Sra. Wallis Simpson.

### *Capítulo III – Um músico tocador de tuba*

---

---

Era naquele chalé de madeira, de cor verde claro com as janelas vermelhas, próximo à sanga, na rua Ângelo Bolson que a família de Cecília morava. Ali, Geraldo e Ana Eurides, criavam seus filhos: César, Geraldino (cujo apelido era Negro), Marinho, Philomena (a qual Geraldo apelidou de Mocinha), Valeska, Célia, Inês (a quem ele chamava de Nezinha), Judite, Joana Áurea (que tinha o apelido de Filhinha), Martina, Sírria, Maria, Cecília e o José Rui (que era filho da Célia e morava com Geraldo), Ana e as tias.

Era um amplo terreno onde eles criavam porcos, vacas de leite, cavalos e galinhas. A vida deles era muito difícil. Geraldo tinha terras em outra cidade e Ana ficava geralmente sozinha com todos os filhos. Todos plantavam, cuidavam das vacas, vendiam leite. Ana e suas filhas lavavam roupa na sanga para ajudar no sustento da casa. Ana tinha uma pequena pensão onde também servia refeições para os soldados do quartel do exército que ficava nas redondezas. Além disso, os meninos da casa vendiam pasteis na porta do quartel para levantarem mais algum dinheiro e ajudar nas despesas.

Geraldo, para quem o conhecia, era um sujeito reservado, muito calmo, encantador e dono de uma fala mansa. Também era um habilidoso cavaleiro e fazia viagens, no lombo de um cavalo, de Santa Maria a Três Passos, no extremo oeste do estado do Rio Grande do Sul onde era proprietário de uma área rural. Era um profundo conhecedor e produtor de soja e costuma dizer aos filhos que naquelas terras ele "plantava a tiro e colhia a laço", numa referência sobre quão íngremes elas eram. Mas costumava dizer, entre algumas confidências e

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

histórias itinerantes daquela época que a soja seria a planta do futuro.

Como militar do Exército, lutou na Revolução Paulista. A história de sua participação era objeto de reunião com os filhos e netos, para contar-lhes os causos pitorescos daquelas batalhas. Foi lá, no exército, que tomou gosto pela música e fez dela sua devoção tocando um instrumento de sopro chamado Tuba<sup>9</sup>.

Cecília, aos finais de semana, quando toda a família se reunia, gostava de juntar os sobrinhos, as irmãs, os irmãos, cunhados e cunhadas à volta do Pai para ouvirem suas histórias. Todos os filhos e filhas, além dos netos mais crescidinhos, gostavam quando ele se referia amorosamente à Ana Eurides, chamando-a pelo apelido de Nã. Neste momento, dava para observar a mudança do seu semblante cheio de amor, como se estivesse lembrando-se das tantas coisas boas que viviam juntos. E esboçava um certo sorriso maroto no canto dos lábios. Que vida linda eles tinham! Treze filhos que resultavam de um amor que se fortaleceu, apesar de tantos sacrifícios.

Geraldo, quando retornava da cidade de Três Passos, onde tinha as plantações de soja, sempre que podia, reunia os netos à sua volta, sob as sombras do arvoredo, para falar de suas andanças e ensinar-lhes vários assuntos escolares. E, vez ou outra, de surpresa lhes perguntava: “Como vai a matemática?”

Depois da pergunta, ele calmamente limpava uma parte do solo do quintal com uma das mãos, pegava um pequeno pedaço de graveto das árvores e, tal qual um mestre professor daqueles que usavam guarda pó branco e giz da mesma cor,

---

<sup>9</sup> A tuba surgiu no início dos anos 1800. É o membro mais jovem da família dos metais, também o maior e o que produz o som mais grave. É constituída por um tubo cilíndrico recurvado sobre si mesmo que termina numa campânula em forma de sino; por um bocal e por três a cinco pistões.

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

punha-se a rabiscar o chão como se estivesse escrevendo num quadro negro. Naquele espaço escrevia uma fórmula ou expressão de matemática cheia de números, para o espanto dos netos e netas que acompanham e prestavam atenção em tudo com seus olhos arregalados e cheios de admiração, para não dizer boquiabertos. Ali, entre parênteses, chaves, colchetes, sinais positivos, negativos, adições, subtrações, mostrava aos netos o caminho para se chegar ao resultado. Um verdadeiro Mestre ensinando seus pequenos aprendizes que cresceriam levando consigo estes ensinamentos tão importantes para a vida.

Ana Eurídes com seus cabelos longos e brancos como a geadinha em tempo de inverno rigoroso, mantinha-os penteados para trás, com uma longa trança que percorria todo o tamanho de suas costas. Tinha o rosto largo, olhos claros, quase azuis, com as pálpebras um tanto quanto caídas que lhe deixam o olhar mais contemplativo e distante. Vestia-se de forma muito simples. Mas o que mais gostava de usar era uma camisa de seda com detalhes em gorgorão, de tons cinza, mais parecendo um jaleco, cuja estampa era toda cheia de pontinhos cinza claro. Dois bolsos nas laterais cujas bordas tinham um detalhe do mesmo tecido, porém com a cor cinza mais escuro que também detalhavam a gola bem larga do jaleco. Usava-o com as mangas arremangadas até a altura do cotovelo e deixava este jaleco cair sobre uma saia comprida e cinza, até abaixo do joelho. Gostava de usar meias bem compridas, até a altura dos joelhos e passa o dia com seus chinelo de couro marrom escuro, tipo campeiro, como eram conhecidos lá no Sul.

Cecília gostava de observá-la caminhar pela casa, durante seus afazeres domésticos, sempre assobiando bem baixinho uma canção que talvez a fizesse lembrar-se de Geraldo quando este não estava em casa.

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

Tinha uma mão maravilhosa para a culinária, principalmente ao mexer com massas. Fazia pães e carnes assadas no forno à lenha que Geraldo construiu para ela, logo ali, próximo à cozinha para o deleite dos filhos, genros, noras e dos netos.

Ana gostava de reunir seus filhos e os seus netos à sua volta. E, quando decidia fazer os maravilhosos pães, formava pequenos bonecos com a massa, colocando olhos com feijões pretos, antes de levá-los ao forno. Sempre séria, às vezes, ficava zangada com tantos netos correndo e gritando pela casa e à sua volta.

Era nestes momentos de encontros familiares que Cecília mais se divertia, brincando e cuidando das crianças da Maria. Sônia já estava com seus 12 anos, Paulinho com 11, Ibanez com 10, Paulo Roberto com 7 e João com 5 anos. Aos finais de semana, ainda se juntavam a eles, todos os outros primos e primas para deixar o velho chalé da Ângelo Bolson num clima de festa infantil.

Que tempos áureos eram aqueles. Os domingos ensolarados, os almoços em família, os gritos da criançada, as gargalhadas dos adultos, as mesas fartas no almoço, os cafés da tarde à sombra do arvoredo, o pôr do sol por entre as árvores transformavam-se em verdadeiros contos de fadas naqueles entardeceres preguiçosos.

Quantos momentos inesquecíveis estavam sendo abandonados por um grande amor.

Cecília mergulhava em pensamentos e devaneios que se misturavam entre agonia e êxtase, alegria e tristeza, dor e contentamento enquanto abdicava de tudo para seguir os desígnios de Deus e mexer as peças do destino, tal qual um jogo de xadrez.

## ***Capítulo IV - A dualidade do encontro e da despedida***

---

---

Na casa de Maria, na noite antes de Cecília e Mário viajarem em fuga para Cachoeira, Saldanha observava uma cena entre as duas irmãs. Cecília contava à Maria que fugiria para viver a sua vida e criar seu filho que estava para chegar.

As duas agora sentadas à mesa do jantar, junto com as crianças, viviam um momento de despedida.

Saldanha percebia que em meio às animadas conversas eventualmente surgia aquele clima de silêncio, de falta de apetite, de nó na garganta, sorrisos presos e olhos mareados.

Enquanto fumava um cigarro da marca Belmont, Saldanha ficou pensando sobre aquele momento e sobre aquele sentimento que mexia com eles, das mais variadas formas. Pegou a garrafa de cerveja e um copo e recostou os cotovelos sobre a base da janela a fitar a noite e o céu estrelado depois daquela tarde chuvosa.

Os três ficavam em seus lugares somente de corpo presente, pois os pensamentos, com certeza, viajavam em velocidades incríveis, a ponto de nem prestarem a atenção no assunto que estavam em volta deles.

Tentavam ser fortes, pois não se permitiam expor seus sentimentos, suas sensibilidades e suas angústias.

Romântico que era, Saldanha pegou a caneta e o caderninho de marcar as compras no armazém, procurou a próxima página em branco e pôs-se a pensar por instantes.

***Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz***

Inspirou-se na música de Carlos Gardel que tocava no rádio sobre a cômoda e escreveu:

*... “que ninguém fique triste perante uma despedida”.  
Uma despedida é, sempre, necessária para voltarmos a nos encontrar... E um reencontro, depois de um momento ou depois de toda uma vida, é algo inevitável, se formos amigos de verdade...*

*Cada vez que nos despedimos de alguém que nos é querido, faz-se noite em nosso coração e sempre que um reencontro acontece de novo, se faz dia.*

*O Sol volta a brilhar como se essa pessoa fosse imprescindível para que haja diferença entre o dia e a noite...*

*É na agonia de uma despedida, quando forçosamente esse momento acontece, é nesse instante que percebemos a profundidade dos nossos sentimentos, o valor de uma amizade...*

*Se fossemos capazes de saber quando e onde uma despedida deixa de ser uma ausência e o vazio deixado pela partida é preenchido pela presença daquele que partiu, a despedida seria menos dolorosa...*

*Assimilaríamos a emoção da despedida, não como um fim, mas sim, como o princípio do desejado reencontro...*

*Muitas pessoas já passaram pela minha vida e na minha vida...*

*Umaz cruzaram-se comigo e nunca mais soube delas, ou porque a vida não nos permitiu estreitar laços ou porque simplesmente pouco se manifestou em comum para que de novo nos cruzássemos...*

*Outras, há que (poucas, devo acrescentar) se o destino existe e partindo do princípio que cada um de nós tem o seu*

***Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz***

*traçado, quis o dito que cruzassem a minha vida e em minha vida ficassem...*

*Essas são aquelas que muito mais que meros seres humanos com quem tive o privilégio de partilhar momentos, sentimentos, sorrisos e lágrimas...*

*São aquelas que entraram no meu coração e aí permanecerão... São elas, os meus amigos...*

*Não me despeço dos meus amigos porque na realidade, ainda que na sua ausência física, eles estarão, eternamente, comigo...*

*As recordações constroem um caminho que chega até ao meu coração e permitem-me que os sinta, os meus amigos sempre muito perto de mim, mesmo que na realidade estejamos distantes...*

*Nunca deixo que partam as pessoas que me são queridas...*

*Levo-as comigo onde quer que vá, em meu pensamento”...*

Leu para Maria e Cecília. E naquela noite, todos pensaram a mesma coisa. Realmente, logo após uma despedida, há uma estrada imaginária com muitas curvas e muitas paradas.

Nelas nos separamos, nelas nos encontraremos, nela nos reencontraremos e, nessa mesma estrada, observaremos mais uma dualidade: a ida e a volta.

Quem traça este caminho é o destino que insiste em separar e aproximar as pessoas de acordo com sua vontade.

Então, para Maria, Saldanha e Cecília a despedida ficou mais leve.

Coincidência ou não, no dia seguinte, ao entrarem no ônibus para a viagem à Cachoeira, Mário e Cecília puderam



*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

observar que no ônibus tinha uma identificação, o nome dado ao carro estava afixado do lado de fora da cabine: **Coração Vermelho.**

## ***Capítulo V – Uns sentem a chuva, outros apenas se molham***

---

---

Já em Cachoeira do Sul e no início da gravidez Cecília sentava-se sob o átrio da porta da casinha onde estavam morando. Admirava a lua cheia esplendorosa e brilhante naquela noite de janeiro enquanto refletia sobre tudo o que aconteceu na vida nos últimos meses.

Pensava naquela última noite na casa de Maria e Saldanha, nas belas palavras sobre os encontros e as despedidas escritas por ele, naquele velho caderninho de anotações de compra.

Pensava consigo mesma: abandonar uma família nunca é bom. Porém, suas convicções insistiam em lhe dizer que foi um fato triste, porém necessário. Pois, quando se ama verdadeiramente uma família, ao a deixarmos, seja lá por qual motivo for, haveria sempre luto e consternação em todos os semblantes. Julgar sobre se o que se fez, foi certo ou errado, não caberia a ela naquele momento. Afinal, este julgamento já estava, com certeza, sendo feito por toda a sua família.

Já tinha tomado suas decisões sobre a sua vida, já havia rompido com tudo e com todos. Seu desejo nesse instante era que seus familiares se conformassem e se contentassem com o pensamento de que... “é natural as estruturas de uma casa se abalarem, quando se perde um dos seus pilares”...

Algo lhe dizia que, aquela situação adversa da vida, iria lhe trazer aprendizados. E o passo que ela havia dado foi o mais importante... E não lhe restava mais nada, a não ser ela e Mário fortalecerem-se.

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

Ali, sob a porta da casa ela pensava: será que sua família sabia o que significava para uma filha, deixar uma casa? Creio que não sabem. - Respondia para si mesma, com os olhos marejados. Pode ser deixar de existir. Principalmente quanto esta filha não se vê em outro lugar que não aquela casa, naquela família, em meio àquela criançada. Isso mesmo! Aquela casa, aquele chalé verde claro de portas e janelas vermelhas, onde ela cresceu e de repente precisou ir!

Ainda tinha na lembrança o momento que deixava o chalé para ir até a casa de Maria jantar. A tarde estava chuvosa quando saiu de casa. Viu, pela última vez, suas irmãs e seus irmãos, prostrados na janela. Olharam-se como se estivessem num momento de partida de um ente querido. Todos eles, vendo-a se afastar naquela rua sinuosa e sumir logo ali, na primeira curva. Mal dava para ver Cecília caminhando em meio às poças d'água sob uma chuva torrencial que, como um véu, cobria-lhe o corpo.

Com o coração partido, sentia muita dor. Uma dor que só sente aquele que está numa despedida. Seguiu caminhando por aquela rua de terra, passou pela pequena ponte de madeira sobre a sanga e, lá em cima, próximo ao cemitério, parou num ponto onde podia ver seus irmãos lá atrás, no chalé, parados, perplexos, com o coração apertado, com um enorme vazio dentro do peito. Era como se nesse momento a ausência de Deus fosse evidente dentro de todos.

Se naquela tarde eles soubessem que ela iria embora, certamente iriam gritar: Minha irmã!!! Nós te amamos! Volte para nós, pois és importante. Volte para nós, pois sem você, uma das colunas que sustenta a nossa família estará trincada.

Se não a chamassem, ela entenderia a atitude deles, pois, afinal, as pessoas, naquela época, não costumavam fazer isso, até mesmo por medo e respeito aos pais. Além disso, o

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

orgulho era maior do que a humildade e, muitas vezes, maior que a própria vontade.

Cecília sempre pensou que há pessoas que vivem a família dentro e fora dela. E este sentimento é igual a estar na chuva. Uns sentem a chuva, pingo por pingo, gota por gota e deixam este sentimento fluir no coração aproveitando para absorver as benesses da água purificadora e curadora. Outros, apenas se molham nessa mesma chuva e nada acontece.

Cecília então, naquela tarde, aproveitava a chuva, para realmente se molhar e para lavar sua humilde e pobre alma.

Olhava para o céu, recebia as fortes gotas de chuva sobre seu rosto, deixava que as gotas se misturassem com suas lágrimas e pedia ao Pai do Céu para que aquela chuva pudesse lhe lavar e retirar, todos os sentimentos ruins, energias negativas, sentimento de orgulho, de tristeza, de vaidade, de raiva. Isso não levaria a nada! A não ser ao caminho do mal.

Chegava à casa de Maria para o último jantar de despedida daquela irmã que sempre esteve ao seu lado, que lhe entendia, que lhe apoiava e onde sempre esteve com seus filhos, vivendo lindos momentos de alegria. Parou no portão antes de entrar e pensou: Pois, é! Uns sentem a chuva. Outros apenas se molham.

Antes de entrar para preparar o jantar e esperar Mário chegar do trabalho, ainda teve tempo de pensar que iria lembrar-se muitas vezes daquela tarde de chuva em Santa Maria. Principalmente agora, no mês de março, conhecido por suas chuvas torrenciais. Havia até um dito popular de que essas chuvas eram as águas de março fechando verão. A ela só caberia tentar fechar mais um ciclo da sua vida.

## ***Capítulo VI – Um novo passageiro neste mundo***

---

---

O ano de 1959 foi um ano comum do século XX. Apesar de alguns acontecimentos importantes chamarem a atenção do planeta. Para os brasileiros, a grande novidade foi a cantora Maysa<sup>10</sup> ser a primeira mulher a cantar, em um canal de televisão japonesa, a música denominada: “Meu mundo caiu.” Misteriosamente, uma grande coincidência, comparada aos acontecimentos na vida de Cecília nos últimos meses.

Nesse ano havia uma grande corrida tecnológica para a época, em busca dos mistérios do espaço. Uma sonda soviética, chamada Lunik 1 havia sido lançada no dia 02 de janeiro e depois de 34 horas já havia passado pela Lua e entrado na órbita do Sol, passando a ser a primeira sonda a orbitar essa estrela. Uma segunda sonda foi lançada em 12 de setembro e uma terceira estava sendo preparada para subir ao espaço em outubro daquele mesmo ano.

Todos estes acontecimentos, associados aos mistérios desconhecidos do espaço, deixavam aquele mês de setembro intrigante. O homem buscando conhecer o universo enigmático e misterioso e Cecília já quase nos dias de dar à luz a um bebê cujo sexo ela não sabia, também pensava no quão enigmática era a vida e quão misteriosos seriam os desígnios de Deus para ela, Mário e aquele bebê que estava em viagem espiritual para

---

<sup>10</sup> Maysa Figueira Monjardim, mais conhecida como Maysa Matarazzo ou simplesmente Maysa (Rio de Janeiro, 6 de junho de 1936 — Niterói, 22 de janeiro de 1977), foi uma cantora, compositora, instrumentista e atriz brasileira.

### *Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

nascer naquele planeta, na América do Sul, no Brasil e exatamente ali, naquela cidade, naquele chalé, naquela cama, naquele dia programado pelos mistérios da vida e do destino. Sentada à beira da cama, com o olhar fixo ao longe, na direção da Praça da Matriz de Cachoeira do Sul, Cecília alisava a barriga, pensando, mais uma vez, em tudo que lhe havia acontecido desde o ano passado até aquela noite. Olhou mais uma vez para aquela barriga enorme, já no nono mês da gravidez, fez carinhos com as duas mãos, fechou os olhos, sorriu levemente com o canto dos lábios e pensou nas palavras de William Shakespeare<sup>11</sup> que dizia que... “Há mais mistérios entre o Céu e a Terra, do que possa imaginar nossa vã filosofia”. Talvez, naquele momento Cecília não conseguia descortinar o grande alcance dessas palavras. Havia realmente um grande mistério no ar. Seu sexto sentido lhe dizia que talvez seu filho pudesse vir ao mundo exatamente naquela hora, naquela noite de quarta-feira iluminada pela lua cheia.

Os dias eram de dificuldades, com pouco trabalho e pouco dinheiro. Porém, o casal batalhava muito para se sustentarem, enquanto preparavam-se para o nascimento do filho. Algo dizia à Cecília que era um menino.

A casa que alugaram para começar a nova vida em Cachoeira do Sul localizava-se numa parte alta de um dos bairros da cidade, de modo que era vista de longe por Mário, que prestava serviços de motorista na Praça da Matriz. Era um chalé de madeira com telhado de zinco, duas pequenas janelas na fachada e uma porta entre elas. Suas paredes eram pintadas de amarelo claro quase bege, pois se misturava com a poeira da terra vermelha do quintal. Os respingos das chuvas que caíam próximos da casa pintavam uma barra na parte de baixo das madeiras, deixando-as com um tom avermelhado. O terreno era

---

<sup>11</sup> William Shakespeare, grande filósofo inglês do sec. XVII (1564-1616).

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

alto e era preciso subir uma escada a partir da rua para chegar até a casa.

Como era possível a Mário avistar a casa lá da praça onde trabalhava, ele e Cecília combinaram um código para que fosse avisado por ela caso algo acontecesse ou se o filho que esperavam estivesse para nascer.

O combinado era o seguinte: quando Cecília piscasse as luzes do quarto, Mário, que vez ou outra vigiava lá da praça, ficaria sabendo que era chegada a hora do nascimento.

A intuição de Cecília não a enganou. E, à noite, do dia 16 de setembro do ano de 1959, marcaria a vida do casal com a chegada de um menino. Naqueles dias em que a primavera se anunciava sob a brisa do Rio Jacuí, que envolvia a cidade naquela noite de lua.

Ah! O mundo chamado Terra! Pensava Cecília, emocionada pela chegada daquele menino que nele iria fazer a sua parte. E, naquela hora, iniciaria a sua caminhada na vida terrena, a transpor todos os obstáculos que ela, a Vida, iria colocar à sua frente. Iniciaria ali a escrita da sua história.

Mário, na época, era motorista de taxi. Mais conhecido, naqueles tempos, como Chofer de auto de praça. Talvez porque geralmente os pontos de taxis ficam sempre junto às praças das cidades. Dirigia orgulhosamente um veículo recém-fabricado, naquele mesmo ano, pela Willys Overland do Brasil, cujo modelo chamava-se Aero Willys. Era preto com capota branca e metade das laterais também eram pintadas de branco. O modelo tinha as grades da parte da frente onde ficava o motor toda em acabamento cromado. Além disso, tinha sobre a capota um acessório iluminado com a inscrição TAXI.

Mário logo chegou à casa onde Cecília era acompanhada pela parteira que conduziu o parto do menino. Passaram aquela noite sem dormir. Mário cuidando de Cecília

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

e ela, refazendo-se do parto natural e cuidando do bebê que acabara de chegar.

Acordaram cansados daquela noite mal dormida, mas alegres pela chegada do primeiro filho deles. No dia seguinte, Mário sai para o trabalho. Afinal os tempos eram difíceis e ele trabalhava como funcionário do dono do tal auto de praça. Dependia das corridas do taxi para dali tirar o seu sustento, agora com mais uma boca para alimentar.

Saiu de casa para mais um dia de trabalho. Na cabeça, um boné, tipo de lã, com um botão de pressão em cima da aba, para prender a parte superior, deixando-o baixinho e quase como colado, na aba. Na parte de cima do boné, prendiam-se outras duas abas laterais, que eram usadas para proteger as orelhas, nas noites frias. Bastava desprendê-las e deixá-las cair sobre as orelhas abotoando estas abas laterais sob o pescoço.

Como se já não bastassem a existência dos mistérios entre o céu e terra, ditos pelas palavras do poeta inglês, Mário após o expediente no ponto de taxi, e antes de voltar para casa, saiu com os demais amigos motoristas, a fim de comemorar o nascimento do seu filho no boteco do outro lado da praça. Era realmente um pequeno boteco, desses que vendem pinga, com suas paredes sujas e o ambiente escuro. Nas prateleiras muitas garrafas de pinga empoeiradas e com aquela camada de gordura acumulada pelas frituras do bar. Também acompanhavam as garrafas, muitas teias de aranha, que habitavam aquele local. Sobre o balcão de madeira rústica, havia uma pequena estufa que abrigava salgados fritos nas primeiras horas da manhã e ali permaneciam ao longo do dia.

Quase não se podia ver nada dentro do bar. Pois, além do início da noite, caía uma chuva torrencial. O ambiente interno era iluminado apenas por uma dessas pequenas lâmpadas incandescentes na cor amarela, empoeirada e



*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

instalada de maneira que era sustentada apenas pelo fio que caía do teto com o bocal para a lâmpada.

Lá fora o mundo continuava desabando. Era muita chuva caindo e muita água rolando levando tudo por diante.

Atrás do balcão, alheio ao tempo, estava um velho português, de bigode grande e sorridente, pois parecia contente, com seu negócio local. Nem sequer se abalava com a goteira insistente, a pingar sobre o balcão e a água que teimava em escorrer pela parede do estabelecimento.

Mário observava aquela figura grotesca, com o palito de dente no canto da boca vestindo aquela camisa regata, num tom de branco encardido, a limpar as unhas com a ponta da faca que ficava, sempre, sobre o balcão de atendimento.

Sentou-se, com seus amigos, junto a uma das mesas, próxima à porta. Olha ao redor, em meio às outras mesas vazias e vê um senhorzinho solitário sentado num cantinho escuro. Fumava um cigarro de palha que esfumaçava o boteco, deixando aquele local, mais nebuloso ainda. Além de triste e misterioso, sua companhia era uma garrafa de pinga, dessas bem baratas e um copo tipo americano um tanto quanto encardido pelo uso. Era um senhor de pele negra e seu cabelo já branco, malcuidado e sem corte há muito tempo, faziam-no confundir-se com o ambiente nebuloso reforçado ainda mais pela fumaça do cigarro de palha. Entre uma cerveja e alguns pedaços de salame com limão, Mário e seus amigos conversavam animadamente, comemorando a chegada do filho no dia anterior.

Volta o olhar, mais uma vez, para o senhorzinho solitário. Já o via como um bom velhinho sentado com elegância e olhar altivo. Observou que ele estava trajado diferente para o local e a ocasião. Mas não achou nada de

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

estranho. Afinal os homens da época costumavam vestir-se bem.

Apenas, o que chamou a atenção de Mário, foi o fato de que o senhorzinho vestia um velho terno preto, surrado e maltratado pelo tempo de uso. Dava para ver os punhos do terno, faltando um dos botões, esfolados e quase rasgados pela ação do tempo e do uso contínuo. Assim como o tecido que estava puído na região dos cotovelos. Uma velha gravata preta desbotada e o nó bem folgado deixavam à mostra o colarinho desabotoado sujo e rasgado por dentro, assim como o seu pescoço enrugado e marcado pela flacidez da pele. Elegantemente sentado à mesa do boteco, com uma das pernas cruzadas sobre o joelho da outra, deixavam à mostra sua meia furada e seus sapatos pretos, com o bico já sem cor, pois nunca mais recebera qualquer manutenção e estava desgastado por tanto uso.

Um olhar mais atento e Mário percebe um brilho em sua mão direita, reluzindo em meio a fumaça do seu palheiro e a escuridão do boteco, exatamente quando levantava o copo para um gole de cachaça. Ficou curioso, para ver do que se tratava e intrigou-se ao ver que era um anel. Mário percebeu tratar-se de um anel, porém não deu tanta importância.

Interessaram-se em conhecer melhor aquela triste, porém altiva figura e o convidaram a sentar-se com eles para comemorar. Neste momento, Mário percebeu que o anel continha um símbolo cujo desenho era um esquadro e um compasso. O anel estava desgastado de tanto uso e talvez por tantas batidas pelas mesas de bar. A joia contrastava com as velhas mãos enrugadas e com as unhas não aparadas e pretas nas pontas pelo acúmulo de sujeira, a mostrar que foram esquecidas dos cuidados pessoais. Mário lembrou que na rua Moron, logo perto da Igreja Matriz, havia uma casa cuja porta principal continha com um símbolo igual ao que estava no anel

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

daquele homem. Pura coincidência, pensou ele e voltou a interagir com seus colegas.

Entre brindes e risadas, naquele boteco com pouca luz, o senhor negro que recém havia se juntado a eles, mantinha na mão direita, além do chamativo anel, um cigarro de palha, cuja fumaça subia vagorosamente em movimentos ritmados como uma dança.

Vendo a alegria entre amigos e a notícia da chegada do filho de Mário, este homem desconhecido dirigiu-se a ele e disse-lhe: ***“se desejar que seu filho seja uma pessoa feliz, coloque nele, o nome de...”*** e cochichou um nome ao seu ouvido. Mário ouviu atentamente, sorriu e agradeceu o conselho. Apesar do mistério daquela noite e daquele homem, cujo nome nem perguntaram, apesar daquelas roupas e daquele anel que usava, todos continuaram alegremente por mais algumas horas confraternizando. Estavam tão alegres que nem perceberam quando o senhor negro do terno preto surrado, com seu anel diferente, saiu do bar, sumindo pela escuridão da noite, para nunca mais ser visto.

Mário ao chegar em casa, após aquela noitada com os amigos, pega seu filho nos braços, olha atentamente para ele, pensa e fala para Cecília: está chegando um menino para fazer a sua parte no mundo. Está chegando esse menino, para iniciar a escrita da sua história, a sua caminhada terrena e a transpor todos os obstáculos que ela, a vida, está colocando a sua frente.

Quem seria aquele menino que acabara de chegar?

Com qual propósito ele chegou à Terra?

O que o destino lhe reservaria?

Qual missão teria trazido ao iniciar sua jornada terrena?

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

Eis lá, naqueles tempos, naquele mês de setembro, naquele dia, os muitos mistérios entre o céu e a terra do que Mário, Cecília e seus amigos jamais poderiam imaginar.

## ***Capítulo VII - O destino mexe as peças da vida como num jogo de xadrez***

---

---

Passaram poucas semanas após aqueles dias enigmáticos do nascimento e do bar, quando Mário recebe a notícia que sua filha, com a esposa que havia deixado, nascera em abril passado. É informado que a ex-mulher estava muito doente e tinha muita dificuldade para cuidar das duas crianças mais velhas e da menina bebê, com cinco meses nesta ocasião. Seu sentimento paterno dizia-lhe que deveria voltar a Santa Maria para conhecer a filha e oferecer ajuda à Mãe dos seus filhos, mesmo sabendo que estavam passando por um momento muito ruim financeiramente. Mário e Cecília já viviam com grandes dificuldades, porém a situação era delicada e algo deveria ser feito.

Ao chegar a Santa Maria, Mário se vê numa situação que jamais poderia imaginar. A mãe dos seus filhos havia falecido momentos antes da sua chegada. Que situação desesperadora e inusitada! Mário, sem chão, não teve alternativa senão a de recolher seus filhos e os levar para Cachoeira onde iriam morar com ele e Cecília. A dificuldade era grande e iria piorar ainda mais com a família aumentando de uma hora para outra.

No dia seguinte, Mário chega com as crianças. Mário Carlos - com 05 anos -, Luiz Carlos - com 03 anos - e a bebê, Carmem Lúcia. Cecília nem esperava por tamanha surpresa, mas diante da situação inusitada e desesperadora, só lhe restou receber aquelas crianças e a partir dali, criá-las como seus filhos.

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

A família aumentou inusitadamente e agora com quatro filhos, Mário e Cecília começaram uma nova jornada nas suas vidas, com muito sacrifício, para sustentar a todos. O tempo foi passando rapidamente e, no ano de 1961, Maria estava morando com os filhos em Cachoeira do Sul, numa casa situada na esquina das ruas Sete de Setembro e Tiradentes. Cecília começou a trabalhar na sede de um partido político localizado em frente ao Cine Coliseu. Sempre muito carinhosa e atenciosa com os filhos de Maria, recebia vez ou outra os sobrinhos em sua casa quando estes saíam da escola e passam lá para tomar um café da tarde. Paulo Roberto foi um dos sobrinhos mais próximos de Cecília, além de passar as férias na casa de Cecília, combinaram que ela seria a sua madrinha de batismo. Tudo caminhava certo para isso até o Saldanha pensar que nenhum dos seus familiares da cidade de São Gabriel seria padrinho de um de seus filhos e resolver eleger sua irmã Eloisa e seu irmão Orlando para padrinhos de Paulo Roberto. Houve uma consternação por parte de Cecília e Paulo Roberto que não queria ser batizado. Chegou à Igreja para o batismo muito bravo, chorando e observava Cecília num dos bancos da Igreja também chorando por não ser a sua madrinha. Maria com toda a sua calma e amor por Cecília diz amavelmente que ela seria a Madrinha de Coração de Paulo Roberto.

No ano seguinte, Maria retorna para Santa Maria com toda a família devido à transferência do Saldanha para o quartel daquela cidade. Cecília perde seu emprego no partido político e tem que deixar a casa onde morava. A situação ficava feia devido as dificuldades financeiras do casal.

Maria e Saldanha convidaram Cecília para ir morar em Santa Maria, num chalé de madeira que era deles. Moraram por algum tempo com os filhos, mas tiveram que voltar para Cachoeira do Sul algum tempo depois.

### *Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

Cecília, numa situação desesperadora, vai até Santa Maria para conversar com Maria dizendo-lhe que gostaria de dar uma vida melhor para o seu filho, o primeiro, fruto do casamento dela com o Mário. Pediu, então, que Maria cuidasse do menino e que lhe desse a mesma oportunidade que ela e Saldanha davam para os seus filhos, como uma boa escola, material escolar entre outras coisas, pois tudo era muito difícil para Cecília que entre um trabalho e outro fazia bijuterias para aumentar a renda familiar.

Cecília sempre foi muito apegada aos filhos de Maria e cuidava deles como se fossem seus filhos. Então, pediu ao Paulo Roberto que ajudasse Maria a cuidar do seu filho.

Maria e seus filhos aceitaram a missão de cuidar do primogênito de Cecília. Ela volta a Cachoeira do Sul, pega seu filho, com dois ou três anos nessa ocasião e o leva para Santa Maria. Não é preciso falar que foi uma situação muito difícil tanto para ela como para o menino que não queria ficar longe da mãe. Chorava muito e Cecília teve que ser muito forte ao sair da casa de Maria aos prantos por ter que deixar o seu filho chorando no colo do Paulo Roberto. Foram tempos difíceis até o filho de Cecília acostumar e apegar-se a Maria como se ela fosse sua mãe, andava sempre junto dela. Aonde Maria ia, o menino ia atrás e já falava sem parar como se tivesse esquecido daqueles momentos de dor.

Cecília, sempre que podia, ia até Santa Maria para visitar seu filho e com o tempo as tempestades foram terminando e a calmaria voltou a reinar. Ambos já não choravam mais nas despedidas. E a vida seguiu seu curso e tudo estava dentro dos propósitos do Pai Celestial escrito para aquela situação. Os encontros passaram a ser mais animados e Maria relatava a Cecília as peripécias do seu filho junto à família dela. Foi aí que surgiu o apelido BAGALILO quando o menino encontrou um grampo de cabelo e mostrou para a Maria

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

dizendo: isso é um Bagalilo. Muitos risos e alegria. Assim, Bagalilo foi tornando-se um apelido conhecido e usual na família de Maria. Vida que segue e o destino mais uma vez mexia suas peças no tabuleiro da vida deixando tudo tranquilo e tudo no seu devido lugar.



## ***Capítulo VIII - A família cresce***

---

---

Passados poucos anos após Cecília ter deixado seu filho para viver com a família de Maria, a vida seguia seu curso normal. Cecília trabalhava fazendo pequenos bicos e Mário trabalhava como carpinteiro em obras pela cidade. Mário Carlos Streb e Luiz Carlos Streb, os filhos mais velhos do primeiro casamento de Mário, já adolescentes, começavam a buscar emprego na cidade, incentivados ou cobrados por Mário, pois a vida continuava bem difícil. A Carmem Lucia de Oliveira Streb ficava em casa para ajudar.

Depois de algumas dificuldades Cecília e Mário conseguiram se inscrever para a aquisição da casa própria numa vila popular chamada de Vila Tupinambá. Era uma casa geminada (uma colada com a outra) separada por uma parede e uma cerca de arame que dividia o terreno. Tinha dois dormitórios, banheiro, cozinha e uma sala.

A família começava a aumentar e foram chegando mais irmãos. A primeira a chegar, após o nascimento do primogênito de Cecília, que já estava morando em Santa Maria, foi a Olinda Terezinha de Oliveira Streb, em 1964, depois o Oli Érico de Oliveira Streb, em 1968, Carlos Ronaldo Streb, no ano de 1969, Paulo Ricardo de Oliveira Streb, em 1972, e Rodrigo de Oliveira Streb, que chegou em 1973. Desde a chegada da Olinda havia na casa um berço feito de madeira e vime trançado, na cor crua, com duas faixas coloridas, sendo uma em vermelho e a outra em verde escuro e as rodas eram de madeira. Tanto foi usado para todos os bebês que vieram depois da Olinda que as rodas deformaram e quase ficaram quadradas com os movimentos de vai e vem do ritual de ninar os bebês.

***Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz***

Figura 6 – Bagalilo e seus irmãos.



12

Fonte: Acervo do autor.

---

<sup>12</sup> Da esquerda para a Direita: Mario Carlos, Streb, Luiz Carlos Streb, Carmem Lucia Streb. A frente da direita para a esquerda: Elson Luís de Oliveira Streb, Olinda Terezinha de Oliveira Streb e o bebê Oli Érico de Oliveira Streb.

### *Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

A casa número 155 tinha uma parede de tijolos à vista na fachada, pintados com uma tinta cor de rosa. Tinha janelas e porta na cor verde claro, que davam um certo charme àquela morada simples. Ali, Cecília e Mário, com muito sacrifício, pagavam uma mensalidade pequena para ter a posse definitiva da casinha.

Mário fez um caminho de cimento queimado que saía do portão até a entrada da casa e cuidava com muito carinho de um pé de pinos (pinheiro) que todo ano ele enfeitava com luzes coloridas para esperar o Natal. Costuma sentar-se à frente da casa com seu copo de caipirinha a admirar a sua árvore de Natal toda enfeitada e sorria, todo satisfeito, quando a vizinhança passava e admirava a sua árvore.

Dava gosto de ver as crianças perfiladas em frente à casa, ao final da tarde, todas de banho tomado, cabelos penteados e roupinhas limpas a esperar Mário chegar do serviço que passou a ser nas oficinas da Prefeitura Municipal de Cachoeira do Sul. Bagalilo nunca esquecia dessa cena depois que voltava à Santa Maria no término das férias ou dos feriados prolongados. Ele gostava de ir à Cachoeira visitar sua família e sentir-se amado por sua mãe Cecília e por seus irmãos mais novos. Rodrigo e Ricardo não saíam de perto dele durante todo o tempo em que ele ficava na casa de seus pais.

Ali podia brincar com seus irmãos, com seus amigos e com a cachorra Bolinha que era o xodó da casa.

Mário Carlos e Luiz Carlos, já adolescentes, conseguiram conversar com o dono de um armazém chamado Cauduro e foram autorizados pelo proprietário a fazerem plantão da porta do estabelecimento com um carrinho de mão<sup>13</sup> feito de madeira por seu pai Mário, que tinha habilidades como

---

<sup>13</sup> Uma espécie de carriola como são chamados esses carrinhos utilizados, hoje, principalmente na construção civil.

### *Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

carpinteiro e marceneiro. Assim levavam as compras das donas de casa até suas casas e ganhavam gorjetas pelo carro. Chegavam em casa e tinham que entregar o dinheiro para o pai. Dinheiro esse que ajudava nas despesas da casa agora cheia de filhos.

Nessa época, Bagalilo já ia visitar sua família aos fins de semana, quando era possível e ia também aos feriados prolongados e nas férias escolares sempre incentivado por Maria para que o menino não perdesse os vínculos com sua família biológica.

Tudo era bom nessa época. Bagalilo ia à Cachoeira e interagiu com a família. Sua mãe, Cecília, trabalhava como cozinheira no Bar América, um ponto tradicional situado na praça da rua 7 de setembro que tinha ao fundo um parquinho com balanços, gangorras e outros brinquedos destinados às crianças. A cozinha do bar dava acesso ao parquinho através de uma escada. Havia, na rotina da família, o ritual dos irmãos mais velhos irem buscar Cecília ao término do serviço para acompanhá-la até em casa. Muitas vezes, Bagalilo ia junto com seus meio irmãos mais velhos e esperavam Cecília sempre brincando no parquinho, que lá em Cachoeira do Sul era chamado de “pracinha”. Também era comum Cecília receber visitas dos seus sobrinhos e sobrinhas que iam à Cachoeira nas férias ou por outros motivos. Vera, filha da Síria, gostava de ir à Cachoeira e acompanhar a gurizada na aventura de buscar Cecília no trabalho do bar. Cecília feliz fazia os pedidos e ao término do trabalho encontrava Maria, Vera, as crianças e todos juntos voltavam para casa conversando, rindo e fazendo planos para o almoço do dia seguinte.

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

Figura 7 – Bar América.



Fonte: Disponível em: <https://www.revistalinda.com.br/secoes/12/1245>. Acesso em 25 maio 2023.

Quando era possível Cecília preparava umas “torradas” (uma espécie de misto quente) e levava para seus filhos lá no parquinho. Bagalilo ficava pensando se sua mãe fazia essas torradas e se essas não eram descontadas do seu salário já pequeno. Cecília nunca disse se isso era descontado ou se o patrão permitia que ela fizesse esse agrado aos seus filhos.

Depois retornavam para casa a pé e passavam pela “ponte seca”<sup>14</sup> e por uma trilha em meio a uma plantação de eucaliptos que havia num terreno aberto antes da Vila Tupinambá. O pessoal utilizava essa trilha para cortar caminho

---

<sup>14</sup> A ponte seca, como era conhecida, era uma pequena ponte onde sob ela, passava a linha do trem.

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

para a vila. Bagalilo, seus irmãos e sua Mãe, às vezes, passavam nessa trilha durante a noite, pois no inverno, ao final da tarde, já começa a escurecer. Havia aquele mix de medo e aventura antes de iniciarem a caminhada na trilha, embora estivessem com uma lanterna que Mário fazia questão que os mais velhos utilizassem sempre que voltassem para casa à noite.

Ao chegarem em casa sempre havia uma história para contar sobre a aventura de buscar Cecília no trabalho.

Os filhos foram crescendo e Mário, com muitas dificuldades, procura ensinar o seu melhor para as crianças. Era um homem muito prático nas suas ações, vivia e educava seus filhos da maneira que ele achava que fosse correta e não era muito amoroso. Talvez, pelos caminhos traçados desde a sua infância, sem muita base familiar e sem ideia ou expectativas de futuro, não tinha muita ambição quanto a uma vida melhor do que tinha naquele período.

Procurava ensinar aos seus filhos todas as habilidades que tinha com as ferramentas, as ideias de construção, a pintura, a mecânica, a elétrica, a marcenaria e a estufaria. Procurava ser, para eles, um grande homem e queria estar à frente do seu tempo, mesmo sem saber escrever, apenas assinando o seu nome.

## *Capítulo IX - O beco da Visconde de Pelotas*

---

---

Quem passou, viveu ou morou em Santa Maria, na Rua Visconde de Pelotas, certamente lembra do Beco da Visconde.

O Beco da Visconde de Pelotas, com suas peculiaridades, era um lugarzinho onde as famílias interagiam, confraternizavam, cumprimentavam-se alegremente e, muitas e muitas vezes, reuniam-se aos domingos naqueles churrascos que Saldanha e a família faziam para celebrar a vida maravilhosa que levavam. Nem sabiam o quanto ela era maravilhosa.

Tudo começou pelo armazém, bem na esquina da Rua Visconde de Pelotas, 1470. O armazém era um prédio de alvenaria e colado nele havia um grande chalé de madeira que tinha ao fundo um galpão, que depois virou moradia.

Bagalilo, ainda criança ou como se diz lá no Rio Grande do Sul, no seu tempo de piá, acompanhava a construção da nova casa, ideia do seu Tio e Pai, Fernando Paulo Saldanha (ou Seo Saldanha, para a turma daquele bairro).

Nesta casa, viveram momentos intensos e bons, mesmo em construção ela foi palco de inúmeras festas, promovidas pela então família do Bagalilo, pois seu TIO/PAI era um cara carismático e festeiro. Sim, porque ele era alegre, valorizava muito vida e a família. E muito disso o Bagalilo herdou dele! A convivência, a interação as amizades e a importância que tudo isso tem em nossas vidas.

Saldanha sempre foi um cara que sabia, como ninguém, receber os amigos e familiares, de braços abertos e com um

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

grande sorriso nos lábios a dizer: “TÔ TI FAALAANNDOOO... MALANDRO!”

Bagalilo pensava com ele mesmo: Esse cara é nada mais, nada menos que: Fernando Paulo Saldanha! Meu tio! É, está sendo e... SEMPRE SERÁ MEU PAI... MESMO!

Ao sair no portão da casa nova, podia-se avistar a frente, da esquerda para a direita, uma casa de alvenaria, onde morava uma família de ciganos. Ao lado, um chalé de madeira na cor azul celeste (a cor azul calcinha como era conhecida naquela época), um outro igual na cor verde e mais com a cor marrom todos eles eram de propriedade do Saldanha.

Mais ao lado desses chalés, havia a casa (mix de casa com chácara) do SEU MORENO que morava ali com sua esposa, filhas e netos. Ainda em frente ao portão da casa nova, mas olhando pelo lado esquerdo, ficava o Armazém, o Galpão e, olhando-se para a direita, avistava-se a Casa do Neri. Ao final do BECO, havia um pequeno portão para acessar um outro Beco da Barão do Triunfo. Neste portão, havia um degrau, feito por um pneu de caminhão cheio de terra e pedras por dentro.

Ali, Bagalilo, no seio da família Saldanha, continuou seguindo sua jornada. Estava crescendo e logo começou a estudar tendo o cuidado e o apoio dos seus primos, agora irmãos, em tudo que precisava. Principalmente da sua Prima Sônia Maria e do seu então namorado Alfredo Zeferino Rodrigues Correa que também o tratavam como filho. Sentia-se acolhido, querido por todos e corria pela redondeza como faziam os meninos de sua idade. Puxava um carrinho de plástico amarrado a um cordão e estava sempre acompanhado do Rex, o cachorro ovelheiro que era uma mistura de Pastor Alemão com Collie. Ele tinha muito pelo e uma cor dourada. Além do Toquinho, o outro cachorrinho, assim chamado porque não tinha o rabo completo.



*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

Figura 8 – Da esquerda para a direita: Bagalilo, seu primo Jairo Régis de Oliveira e Luiz Alexandre Oliveira da Silva (Chico).



Fonte: Acervo do autor.

Tudo era bom e todos o tratavam como tinha que ser. Maria e Saldanha o tratavam como filho e os filhos de Maria e Saldanha o tratavam como irmãos.

Ali no Beco também moravam as famílias do seu Tio Geraldino, mais conhecido como o Tio Negro, sua esposa, a

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

Tia Julia, e seus filhos, Mara Rejane, Nara Dayse e Jairo Regis. Moravam ali na mesma área sua Madrinha Martina, seu Padrinho Armindo, com seus filhos Izabel Cristina e Alexandre (que todas as tias e primos o chamavam de Chico). Bagalilo, Jairo e Chico formam um trio de crianças a correr pelo beco e adjacências, eram quase inseparáveis.

Figura 9 – Da esquerda para a direita: Chico e as primas Mara Rejane do Rosário Oliveira e Izabel Cristina Oliveira da Silva.



Fonte: Acervo de Mara Rejane do Rosário Oliveira – Santa Maria/RS.

Um pouco mais distante, a meia quadra do beco, morava sua outra tia, a tia Síría, com seu marido Batista e suas filhas Marta, Vera e Vânia. Bagalilo sempre que podia corria para lá e, às vezes, até dormia por lá junto com as suas primas.

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

As primas, sempre estavam juntas e brincavam naquela área, tinham poucos anos à frente do trio de primos e viviam uma vida feliz naquele lugar mágico onde os terrenos não tinham cercas e todas as famílias interagiam.

O tempo foi passando e ali, no beco da Visconde de Pelotas, Bagalilo viveu grandes emoções em sua vida;

Ali, descobriu o significado da palavra felicidade;

Ali, conheceu os seus grandes amigos;

Ali, conheceu o sentimento em todos os seus sentidos;

Ali, conheceu o que é família;

Ali, tornou-se gente no verdadeiro sentido da palavra.

Ah!! O Beco.. Palco da sua infância e adolescência;

Palco das novas descobertas;

Palco dos flertes e namoros;

Palco das amizades que durariam até os dias de hoje.

Das festas de fim de ano com aquele clima indescritível, com a família reunida, preparando para receber os parentes, os amigos, os vizinhos. E tudo isso acontecendo ao som da música de Sergio Sampaio que dizia assim:

*... “há quem diga que eu dormi de touca.*

*Que eu perdi a boca, que eu fugi da briga*

*Que eu caí do galho e que não vi saída*

*Que eu morri de medo quando o pau quebrou*

*Há quem diga que eu não sei de nada*

*Que eu não sou de nada e não peço desculpas*

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

*Que eu não tenho culpa, mas que eu dei bobeira*

*E que Durango Kid quase me pegou*

*Eu quero é botar meu bloco na rua*

*Brincar, botar pra gemer*

*Eu quero é botar meu bloco na rua*

*Gingar, pra dar e vender*

*Eu, por mim, queria isso e aquilo*

*Um quilo mais daquilo, um grilo menos disso*

*É disso que eu preciso ou não é nada disso*

*Eu quero é todo mundo nesse carnaval...*

*Eu quero é botar meu bloco na rua*

*Brincar, botar pra gemer*

*Eu quero é botar meu bloco na rua*

*Gingar, pra dar e vender”<sup>15</sup>*

Assim era o famoso Beco da Visconde de Pelotas. Que maravilha! Belos tempos... Belos dias!!

Dos guris...

Das gurias...

Dos primos...

Das primas...

Belos tempos... belos dias!!!

---

<sup>15</sup> Música – Eu quero botar meu bloco na rua – Cantor e Compositor Capixaba: Sérgio Sampaio – lançamento da música em 1973 no álbum Homônimo – gênero: Samba – marchinha de carnaval – blues.

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

Bela rua...

Belo beco...

Belo passado, onde muitas vezes ...no presente, Bagalilo ainda se perde!

Foi ali! Ali no **beco** que a vida de Bagalilo aconteceu, desde criança até a fase adulta, quando deixou aquele lugar, para sair em busca de aventuras e ganhar o mundo antes desconhecido para ele.

Esse lugar mágico, sempre esteve vivo em sua memória. Sempre que possível, Bagalilo voltava lá como se ainda estivesse ligado àquele lugar por um fio mágico que não o permite esquecer-se da sua infância e juventude. Esse elo sempre existirá, pois atualmente o beco da Visconde de Pelotas transformou-se numa rua asfaltada chamada de Travessa São Miguel e lá ainda vive a família das suas primas Mara Rejane e Nara Dayse.

## *Capítulo X - A Vila Tupinambá*

---

---

A Vila Tupinambá era um bairro criado pela Prefeitura Municipal de Cachoeira do Sul, para disponibilizar casas às famílias de baixa renda. Ali havia casas populares de vários tipos. Tinham as casas individuais e as casas geminadas. Um pouquinho mais distante havia as chamadas “fitas” porque era um complexo de várias casas geminadas só separadas por uma cerca entre suas fachadas e seus quintais. As ruas eram todas de cascalho e eram mantidas pelas máquinas motoniveladoras conhecidas como patrolas. A iluminação pública era feita com lâmpadas fluorescentes tubulares de aproximadamente 60 a 80 cm. Eram luzes brancas, porém com luminosidade baixa o que deixava a Vila com aquele tom lúgubre durante as noites, principalmente nas noites de inverno.

O complexo de casas ficava situado na região periférica de Cachoeira do Sul, vizinhando com fazendas da região. Não deixava de ser um lugar diferente e encantador para as crianças, adolescentes, jovens e adultos. Havia pequenos córregos nas proximidades que eram chamados de sangas. E nesses locais Bagalilo e seus amigos percorriam as trilhas e iam banhar-se na sanga cujas águas eram límpidas e cristalinas e tinha até peixinhos chamados de lambaris.

Bagalilo lembrava com saudade dos tempos de férias em que ele, seus irmãos, Cecília e Mário saíam caminhando em direção ao rio Jacuí para pescar lambaris, pintados e piavas. Cecília preparava uma garrafa de vidro com café, colocava uma tampa feita com papel de pão e fritava bolinhos de chuva para levar na pescaria. Mário e as crianças cavavam a terra no quintal em busca de minhocas para as iscas. Saíam todos juntos

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

bem cedinho com seus caniços (varas de pesca de bambu) e passavam o dia pescando à beira do rio. Todos lembravam-se, entre muitas risadas, uma vez em que Oli Érico ainda pequenino soltava todos os peixes pescados e dizia: “*vai, vai com os seus irmãozinhos*”.

Férias vem, férias vão e Bagalilo, já adolescente, havia feito muitos amigos e amigas durante suas idas à Cachoeira do Sul. Começava aquela idade das descobertas, dos namoros nos bailinhos que eram feitos nas casas dos seus amigos.

Num dos natais, Cecília e Mário, conseguiram comprar uma bicicleta para Bagalilo. Era vermelha, a marca era Monark e dobrava ao meio para ser transportada. Bagalilo andava por todas as ruas da Vila Tupinambá e aventurava-se a visitar outros bairros, sempre com um grupo grande de amigos, todos em suas bicicletas. Ou melhor dizendo: andavam por toda a cidade de Cachoeira do Sul, pedalando, divertindo-se e, às vezes, ficavam o dia inteiro fora de casa, nas aventuras de bicicleta.

Havia, na Vila, um pequeno campinho de futebol cuja peculiaridade era ser um terreno com declive. Mesmo assim a turma gostava de jogar futebol e havia disputas acirradas entre as Vilas. Nesse mesmo campinho, os meninos e as meninas juntavam-se para empinar pipas ou as “pandorgas” como eram chamadas. Jovens e adolescentes interagindo harmoniosamente e sem qualquer malícia.

Bagalilo gostava muito de frequentar a casa da Professora Herecilda, mãe de suas melhores amigas Rejane e Eliane. Sempre que chegava à Cachoeira, fosse nas férias ou nos feriados, Bagalilo já corria para a casa da Rejane onde sua mãe sempre o esperava com um pote de doce de figo que era a sua paixão.

### *Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

Cecília gostava muito de participar e interagir com os amigos e amigas de Bagalilo e era parceira nas festinhas, chamadas de reuniões dançantes. Gostava até de dançar junto com a molecada.

Bagalilo era esperado por seus amigos e por suas amigas que já sabiam que ele iria a Cachoeira nos períodos de férias e, quando isso acontecia, não se desgrudavam até chegar o dia de sua partida para Santa Maria para retomar os estudos.

Bagalilo sentia-se feliz, ali naquele meio. Era querido por todos principalmente por algumas meninas da sua idade que gostariam de namorar com ele. Poderia dizer que era um garoto popular entre os jovens daquele bairro e alguns bairros vizinhos.

Auge da adolescência e juventude, essa época significava muito para Bagalilo. Tudo seguia justo e perfeito. Tudo era lindo e maravilhoso. Até que um dia Cecília é surpreendida pelo diagnóstico de um câncer de mama e a vida, mais uma vez, começou a dar voltas controladas pelo destino e pelos propósitos do Grande Arquiteto do Universo.

Mário sem saber o que fazer pegou o diagnóstico e foi à Santa Maria para pedir ajuda. Mostrou o diagnóstico para Maria e para Síría que choraram muito com a notícia. Logo, toda a família estava sabendo da notícia sobre a doença que Cecília adquiriu. Era a mais nova das irmãs, houve muita consternação e uma mobilização da família para ajudar a família de Cecília.



## *Capítulo XI – Um elo com a Rua Moron*

---

---

Desde piazzito<sup>16</sup>, quando andava pelas ruas de Cachoeira do Sul, a pé ou de bicicleta, Bagalilo e seus amigos faziam uma pausa das aventuras, no final da Rua Moron, cujo final desta rua fica exatamente dentro do Rio Jacuí. Termina a rua e começa a exuberância da natureza, marcada pela presença impressionante daquele rio, que margeia a cidade.

Figura 10 – O fabuloso Rio Jacuí.



Fonte: Disponível em:

[https://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g1728866-d12253653-i288523492-Rio\\_Jacui-](https://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g1728866-d12253653-i288523492-Rio_Jacui-)

[Cachoeira\\_do\\_Sul\\_State\\_of\\_Rio\\_Grande\\_do\\_Sul.html](#). Acesso em: 25 maio 2023.

---

<sup>16</sup> Piazzito é a forma como os gaúchos referem-se aos meninos. Piá, Piazzito, Guri etc.

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

Um encontro entre o antigo, o moderno e um não sei o que de passado. Pois, quando você para no final da Rua Moron vê ao seu redor pequenos comércios de peixe, engenhos de arroz, pequenos barcos de madeira (chamados nesse local de “caíques”) e vê o calçamento de paralelepípedos bem delineados, cuidadosamente colocados lado a lado, como a nos fazer lembrar e colocar o pé no passado.

Figura 11 – Caiaques sobre o Rio Jacuí.



Fonte: Disponível em:

[https://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g1728866-d12253653-i247238164-Rio\\_Jacui-](https://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g1728866-d12253653-i247238164-Rio_Jacui-Cachoeira_do_Sul_State_of_Rio_Grande_do_Sul.html)

[Cachoeira\\_do\\_Sul\\_State\\_of\\_Rio\\_Grande\\_do\\_Sul.html](https://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g1728866-d12253653-i247238164-Rio_Jacui-Cachoeira_do_Sul_State_of_Rio_Grande_do_Sul.html). Acesso em: 25 maio 2023.

Se olhar mais para o lado, verá as famosas Dragas de Areia, ancoradas sob a sombra das árvores de Salso Chorão e as árvores nativas das beiradas de rio.

## *Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

Figura 12 – Dragas de areia.



Fonte: Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2013/01/acao-ilegal-de-dragas-causa-danos-ambientais-ao-rio-jacui-no-rs.html>. Acesso em: 25 maio 2023.

Hoje, nos tempos modernos, curiosamente a praia de rio, fica na margem oposta da cidade. É preciso atravessar de caíque ou seguir pela estrada, sem antes passar, é claro, pela famosa Ponte do Fandango.

Ainda é possível, ao descer a Rua Moron, ver chalés de madeiras, construções antigas com sua arquitetura dos tempos áureos dos produtores de arroz.

Ali, Bagalilo ficava. Horas e horas, “vivendo” a infância e a adolescência. Nadando no rio, hora ou outra observando os barcos, hora ou outra, percebendo a chegada dos “caíques” dos pescadores com as famosas fiadas de cipó, cheias de peixes frescos, penduradas nesses barcos, de modo a manter os peixes vivos.

Novamente sua atenção era voltada para o grito: “Olha o Peixe!”. E observava um pescador caminhando rua afora, com enormes dourados, piavas e grumatãs pendurados cuidadosamente no remo do barco jogado sobre seu ombro. Bagalilo sorria e pensava: como é bom viver em Cachoeira do Sul. Como é bom estar na Rua Moron.

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

Depois, pegava novamente a bicicleta e retornava para casa, feliz, por mais um dia de férias e convivência com os amigos.

Quis o destino, após a passagem de sua mãe para o plano superior que a casa do seu Pai fosse próxima à Rua Moron. Basta uma pequenina caminhada e pronto: Já estamos na Rua Moron.

Por que será que volta e meia, Bagalilo pensava na Rua Moron?

Por que será que ele gostava tanto da Rua Moron? Qual seria a sua ligação com a Rua Moron? Qual seria o meu futuro com a Rua Moron?

Figura 13 – Loja Maçônica Liberdade.



Fonte: Disponível em:  
<https://www.m33.com.br/lojas/0/23/9/248/Liberdade>. Acesso em: 25 maio 2023.

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

Havia um mistério nisso. E Bagalilo lembrou que nessa mesma rua Moron havia uma casa com um símbolo composto por um esquadro e um compasso. O mesmo símbolo que havia no anel daquele homem negro que seu pai o havia contado a história do seu nascimento. Seria isso um indício de algo bom para o futuro? Haveria uma ligação misteriosa com aquela casa? Um dia ele entraria nela para ver do que se tratava? Ou seria algo que o destino pudesse lhe reservar para o seu futuro?

Eis os mistérios entre o céu e a terra cujas respostas só o Grande Arquiteto do Universo sabe!

## *Capítulo XII - A viagem ao Oriente Eterno*

---

---

Cecília passou a conviver com a doença e buscava tratamento através do INPS<sup>17</sup>. A doença foi se alastrando e houve a necessidade de uma mastectomia.<sup>18</sup>

Cecília e Mário, com poucos recursos, enfrentavam a doença como podiam. Sempre esperançosos na cura.

Bagalilo ouvia, nas vezes em que ia a Cachoeira do Sul, sua mãe falar que gostaria muito de conhecer o mar, pois o mar ajudaria na sua cura. Bagalilo sempre pensou nisso e sempre ficava triste pois não tinha como levar a sua mãe à praia para realizar o seu sonho e o seu desejo.

Já com seus 16 para 17 anos, Bagalilo visitava sua mãe com mais frequência. Nesses momentos de dor, costumava ficar com os olhos mareados, sempre pensando na sua impossibilidade de levá-la ao mar, embora pensasse que seria apenas uma esperança e uma fé de Cecília na cura. Sua madrinha Martina também costumava visitar Cecília e quando podia levava Bagalilo com ela.

Num final de semana, Maria recebe a notícia de que as coisas não iam bem e que mais uma vez Cecília retornava ao hospital para ser internada. Maria levou Bagalilo para visitar a sua mãe e ele não esqueceu mais da última vez que conversaram. Ela no leito do hospital falava coisas bacanas e

---

<sup>17</sup> Como era chamado, antigamente, o INSS e SUS que conhecemos hoje.

<sup>18</sup> A mastectomia é uma forma de tratar o câncer de mama e consiste na retirada cirúrgica de toda a mama. A mastectomia pode ser realizada: quando uma mulher não pode ser tratada com cirurgia conservadora que poupa a maior parte da mama.

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

otimistas para Bagalilo e para todos que a rodeavam naquele quarto de hospital.

Ao retornarem para Santa Maria, na mesma madrugada daquele dia de sábado para domingo, Bagalilo recebe a notícia do falecimento da sua mãe. Ela havia partido, logo depois do último encontro deles.

Partia para o Oriente Eterno, aos 41 anos, aquela que lhe deu à luz e trouxe-lhe ao mundo naquela noite quente de verão de 1959. Deixando Mário com os oito filhos para criar. Os oito irmãos de Bagalilo, pequeninos, talvez nem entendessem direito o que estava acontecendo naquele momento.

Mário ficou arrasado e muito preocupado com o futuro daquela família que agora dependia somente dele. O que fazer? Como criar? Como alimentar tantos filhos?

Bagalilo era apenas um adolescente e sentia-se impotente diante daquela situação desesperadora. Sentimento este que Bagalilo sempre carregou com ele durante a sua jornada terrena.

Partiu Cecília para o plano superior. Partiu a sua mãe para o Oriente Eterno. E só restava a Bagalilo conformar-se com a dor dessa perda e rogar ao Grande Arquiteto do Universo que a acolhesse em sua nova morada. Restava a Bagalilo pensar que ela havia cumprido sua jornada terrena sendo uma mulher humilde, simples, benevolente e amorosa com todos os seus filhos. Que havia feito o seu melhor para cuidar de todos com muito amor, apesar das dificuldades que a vida lhe proporcionou.

Bagalilo tinha a certeza de que, naquele momento, ela estava sendo assistida, como também tinha a certeza de que ela estava partindo com a sua missão cumprida.

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

Por um breve momento Bagalilo pensou: vá, minha querida mãe, evoluir, cumprir novas jornadas, olhar por nós, e ser muito mais maravilhosa do que foi aqui neste mundo de provas e expiações. Vá! Minha querida mãe, ser mais uma luz, a nos iluminar, a nos guiar e brilhar junto às estrelas, quando olharmos para o Céu e lembrarmos com muito amor de ti...

Que Assim Seja!!!!!!!!!!!!!!



## *Capítulo XIII – As graças de um anjo negro*

---

---

Dizem que o Grande Arquiteto e Criador do Universo não dá um fardo maior do que seus filhos possam carregar. Ainda abalado e desesperado Mário não sabia o que fazer para levar sua vida em frente. Trabalhava muito, ganhava um salário-mínimo e, já desanimado, resolve, do seu jeito, conversar com Deus para pedir ajuda.

Então, o Pai Celestial, como nunca diz não a ninguém, ouve suas preces e mais uma vez volta a escrever na cartilha do destino reservada ao Mário, para a sua jornada terrena. Deus resolve mandar um enviado, para ajudar Mário e seus filhos. Preparou e mandou ao encontro de Mário um Anjo Preto cheio de bondade e graça.

Um Anjo especial, enviado por Ele. Um Anjo que veio com a missão de distribuir amor, graça e bênçãos. Algo bem diferente do que o ser humano estava acostumado quando se referiam a Anjos Negros. Aqueles, que segundo as tradições cristãs, foram expulsos e caíram do paraíso. Esse Anjo não! Esse foi enviado especialmente a Mário mostrando-se, a ele, com a pele preta para então, dentre as suas muitas missões, que trazia consigo, mudar algumas concepções errôneas de Mário.

Poucos meses após a morte de Cecília, Mário conhece o Anjo de pele preta que Deus havia preparado para ingressar na sua vida e ajudá-lo a cuidar e criar as crianças. Chegava à família Streb o Anjo conhecido simplesmente pelo nome Gina com a missão de ser a mãe daquelas crianças.

Deus, com a sua infinita bondade e grandeza, sempre sabe o que faz e sempre tem propósitos para todas as coisas.

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

Ele teve o cuidado de fazer com que aquele Anjo Negro recebesse na terra o nome de Universina, cujo significado era exatamente... **“preocupação com o lar, conciliação, cautela e generosidade”**. Tudo o que Mário mais estava precisando naquele momento desesperador era encontrar alguém como a Universina Borba da Silva.

Gina era preta e tinha a estatura baixa. Zelava da casa e das crianças como fossem seus filhos. Os pequenos cresceram acostumados com a presença daquela rica criatura que chegou a suas vidas enviada pelo Grande Arquiteto do Universo com a missão de levantar aquela família e o próprio Mário. Um Anjo Negro do bem para mudar a vida daquele homem que, inclusive, não gostava de pretos. Porém, apaixonou-se e mesmo sem ter noção, havia aprendido uma grande lição.

Gina trabalhava como merendeira numa escola municipal e lá ficava durante todo o dia. Orgulhava-se ao comentar com suas colegas de trabalho que seus filhos iam buscá-la na escola.

Bagalilo a conheceu quando, após a morte de sua mãe, foi à Cachoeira do Sul e Gina já estava morando com seu pai e seus irmãos. Para Bagalilo havia então uma outra pessoa no lugar de sua mãe. Aquela situação o deixou desconfortável devido ao grande apego e amor que mantinha pela sua mãe Cecília. E por um bom tempo, Bagalilo não foi mais visitar a sua família.

O tempo foi passando e Gina amorosamente cuidava da família de Bagalilo. As crianças foram crescendo, Mário vendeu a casa que era dele e de Cecília e comprou um terreno num lugar mais próximo de onde Gina trabalhava. Ali construiu uma casinha simples e viviam felizes.

Passados alguns anos, Bagalilo, já morando em Campinas/SP, voltou à casa de seu pai, ao convívio com seus

***Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz***

irmãos e com sua madrasta. E passou a amá-la e ter muita gratidão por aquela pessoinha tão linda, tão amorosa e caridosa para com seus irmãos. Havia, por parte de Bagalilo, uma gratidão imensa, por ela ter aparecido na vida do seu pai, exatamente quando ele mais precisava de alguém ao seu lado para criar seus filhos pequeninos.

Gina adorava dizer para suas amigas que tinha um filho que morava em São Paulo e alegrava-se toda vez que ele ia até Cachoeira do Sul nos períodos de férias. Fazia questão de apresentar “seu filho de São Paulo” para suas amigas.

Bagalilo ainda guarda boas recordações da Gina, que hoje habita o plano superior, mas que deixa muita saudade da sua passagem pela Terra e pelas vidas de Bagalilo e seus irmãos.

## ***Capítulo XIV – Ganhando o mundo***

---

---

Já com seus 19 anos Bagalilo terminava o ensino do segundo grau e foi servir ao exército brasileiro no quartel de artilharia. Não gostou muito, pois descobriu lá dentro que não era bem aquilo que ele queria fazer e ser, muito embora seu tio Saldanha, que era militar, quisesse muito que ele seguisse a carreira militar.

Fernando Paulo Saldanha Filho, o Paulinho, como era conhecido na família, preocupado com o futuro do Bagalilo, conseguiu uma bolsa de estudos gratuita na escola Senac, em Santa Maria, onde ele começou a estudar no curso de formação de Supervisor de Segurança do Trabalho.

Logo que se formou no curso, Bagalilo começou a trabalhar numa concessionária Volkswagen chamada Pampeiro e, no ano seguinte, conseguiu emprego na profissão de Técnico de Segurança do Trabalho numa cooperativa de trigo e soja na cidade de São Luiz Gonzaga/RS. Começava aí sua jornada como dono de si mesmo, muito embora a sua Tia e Mãe Maria não quisesse que ele saísse de casa.

Bagalilo sempre lembrava da cena do dia em que ele saiu de casa para ir à São Luiz Gonzaga, vendo Maria com os olhos mareados como se ali, naquele momento, ela estivesse perdendo um de seus filhos.

Lá, Bagalilo viveu em uma república com seus amigos e colegas de trabalho, conseguiu comprar sua primeira motocicleta e teve algumas namoradas. Em 1985, Bagalilo, com 26 anos na ocasião, saiu dessa empresa retornando para Santa Maria. Sônia, sua prima-irmã, que já morava com

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

Alfredo e as filhas Claudia, Silvia e Marcia, na cidade de Araras no estado de São Paulo, convidou Bagalilo para ir morar com sua família e assim buscar novas oportunidades profissionais do estado de São Paulo. Ele, que não tinha nada a perder aceitou o desafio e foi morar com a família da Sônia que o acolheu de braços abertos na semana que antecedia o Natal.

Passaram-se alguns meses de busca por trabalho, Alfredo consegue uma colocação para Bagalilo numa empresa de agropecuária de um grande empresário do aço.

Mais algum tempo passou e Bagalilo foi chamado para trabalhar, em sua profissão de Técnico de Segurança numa fábrica de caixas acústicas para aparelhos de som, localizada na cidade de Campinas/SP. A fábrica era da CCE Equipamentos Eletrônicos. Ali, começou a executar tudo que aprendeu em sua profissão, conheceu e reconheceu o esforço do trabalho dedicado, daquele que gosta do que faz, mesmo sem o apoio dos gestores.

Mais alguns anos passaram-se quando Bagalilo foi trabalhar numa fábrica de fogões da marca Dako, na mesma profissão de Técnico de Segurança do Trabalho.

## *Capítulo XV - O amor falando mais alto*

---

---

Foi no ano de 1987, em meio a grandes agitações, da nação brasileira, que queria uma nova constituição para o povo e um novo processo de redemocratização através da criação da Assembleia Nacional Constituinte<sup>19</sup>, que Bagalilo, ao iniciar os estudos na faculdade de Publicidade e Propaganda na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, conheceu seus melhores amigos; a Luzia Ferreira de Almeida e Vilmar Salim Mostério, cuja amizade continua até os dias de hoje.

Luzia era uma menina iluminada e dona de um sorriso largo e contagiante. Andava sempre alegre, dava muitas risadas e sempre vestia roupas diferentes. Ela tinha um jeito muito próprio de ser. Ela, Vilmar, Bagalilo e alguns outros amigos formavam a “turma dos fundos” da sala aula e, é claro, andavam sempre juntos seja para estudar ou para os encontros nos barzinhos do “Setor” como era chamado o bairro Cambuí onde se concentravam muitos bares noturnos. Uma coisa era certa: ao chegar na faculdade e não encontrar um colega, você os encontraria no “setor”.

Mas foi numa dessas noites inusitadas, do mês de junho, que Luzia convidou o pequeno grupo para comemorar seu aniversário em sua casa. Chegando lá, todos sentaram-se em volta de uma mesa, na sala de jantar, a conversar animadamente. Foi, nesse exato momento, que uma de suas

---

<sup>19</sup> A Assembleia Nacional Constituinte de 1987, também referida como Assembleia Nacional Constituinte de 1987-1988, foi instalada no Congresso Nacional, em Brasília, a 1º de fevereiro de 1987, resultante da Emenda Constitucional nº 26, de 1985, com a finalidade de elaborar uma Constituição democrática para o Brasil, após 21 anos sob regime militar.

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

irmãs, que namorava, logo ali, na da sala da casa, foi até a sala de jantar para conhecer os colegas de Luzia. Bagalilo, nunca mais esqueceu aquela cena: uma linda mulher, magra, aparentava ser alta, com seus cabelos pretos, lisos que desciam até seus ombros. Uma franja bem cortada sobre as sobrancelhas grossas e um par de olhos amendoados e escuros que não deixavam de chamar a atenção. Aquela bela mulher vestia-se toda de jeans – camisa jeans, calça jeans no mesmo tom da camisa e coincidentemente um par de botas de cano curto também em jeans - Luzia apresenta cada um do grupo à sua irmã Maurina, ela se retira da sala de jantar e o papo animado continua normalmente como deveria ser.

No fim daquele ano Bagalilo volta ao Rio Grande do Sul no período das férias de trabalho e da faculdade retornando somente em meados de janeiro do ano seguinte. Ao chegar próximo do apartamento onde morava, avistou de longe duas meninas saindo do seu prédio. Ao chegar com suas malas, o porteiro do prédio avisou que duas meninas o haviam procurado e uma delas se chamava Luzia, sua colega de faculdade.

No dia seguinte, Bagalilo faz contato com sua colega Luzia e essa lhe pede para ficar uns dias em seu apartamento, com sua irmã, que acabara um relacionamento. Luzia queria afastar Maurina de casa a fim de evitar perguntas, conversas e questionamentos sobre o término do seu namoro.

Pedido aceito e atendido, Luzia e Maurina convivem por uma semana no apartamento de Bagalilo que ficava na Rua Sacramento, bem em frente à Igreja São Paulo Apóstolo. Todos trabalhavam e somente se encontravam no período da noite.

Ao final daquela semana diferente, Luzia e Maurina retornam para sua casa, as aulas recomeçaram e a vida ia seguindo seus desígnios. Numa noite, sem aulas na faculdade, o grupo resolve se encontrar no apartamento de Bagalilo para

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

um jantar como era costume entre o grupo. Bagalilo, então, fala para Luzia: ***“chame sua irmã que morou conosco, aqui, naquela semana”***. Luzia atendeu seu pedido e o jantar aconteceu animado com seus amigos mais chegados.

Assim, as coisas foram acontecendo: um encontro aqui, outro encontro ali, um jantar no “AP”, um encontro nos bares noturnos e, a pedido de Bagalilo, Maurina acompanhava Luzia. Foi numa noite enluarada em que o grupo saía de um dos barzinhos noturnos e caminhavam alegremente pela rua Júlio de Mesquita, no bairro Cambuí, que algo começou a acontecer. Uma troca de olhares, uma mão que encostava na outra e um beijo que começou a mudar tudo.

Em sua jornada de adolescente até a fase adulta, Bagalilo havia conhecido algumas garotas, havia namorado com algumas e gostava delas como deveria ser. Porém, nenhuma delas despertou sentimentos tão profundos em Bagalilo como aqueles que ele começou a sentir após conhecer Maurina. Ah! O amor... aparece quando a gente menos espera e toma conta da gente sem que possamos nada fazer. Simplesmente ficamos entregues às peripécias do nosso coração. Não há o que se fazer. A não ser entregar-se ao amor e deixar a vida nos levar. Era assim que Bagalilo pensava naquele momento. Bagalilo conheceu a família de Maurina, que era grande e composta pelo seu pai Pedro Ferreira de Almeida, por sua mãe Dominga Ana Gomes de Almeida, suas irmãs, Mirani Almeida Imazaki, Reini Almeida Brandão, Laurani Almeida de Moraes, Ozélia Almeida Scatena, Ana Ferreira de Almeida, Luzia Ferreira de Almeida, Mara Cristina Ferreira de Almeida e pelo caçula da casa um menino chamado Robson Marcelo Ferreira de Almeida. Conheceu também seus concunhados José Clodoaldo Bueno de Moraes, Mário Imazaki, Fernando Brandão, Geraldo Scatena, Marco Antônio Ignacio e Arlindo Costa. Bagalilo ficava impressionado quando



*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

todos se encontravam, aos finais de semana, na casa do seu sogro e sua sogra. Esses encontros eram rotineiros da vida daquela grande família.

Luzia, sua grande amiga, agora cunhada era inseparável e os três sempre estavam juntos por onde quer de andassem. Foi ela, mesmo sem saber, a mediadora do destino que havia sido traçado para Bagalilo e Maurina. Luzia casou-se com o Marco Ignacio que passou a integrar aquele grupo de amigos e tornou-se, junto com Luzia, um amigo inseparável de Bagalilo e Maurina.

O destino, que mexe com as nossas vidas como mexesse com peças de xadrez sobre um tabuleiro, precisa, muitas vezes, estudar as suas jogadas para ter certeza da ação que vai tomar. Então quis, esse mesmo destino, que Bagalilo e Maurina se separassem. Cada um para um lado, tentando seguir suas vidas. Bagalilo, nesse intervalo de tempo, no ano de 1992, teve uma filha que chamou de Rayssa. Rayssa foi uma das melhores coisas que aconteceram à Bagalilo durante aquela relação. Nasceu uma menina linda, com seus olhinhos puxadinhos pelos traços japoneses herdados do seu bisavô. Cabelos pretos como a noite sem lua, pele clarinha feito o brilho da lua cheia. E logo Bagalilo pode observar que aquele par de olhos negros eram mansos e pareciam jaboticabas maduras e que lembravam a liberdade dos campos e dos anjos tinham a candura.

Bagalilo foi morar na cidade de São Paulo/SP e depois em Guarulhos/SP onde, sua experiência como profissional, destacou-se quando começou a trabalhar numa multinacional americana de motores diesel.

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

Figura 14 – Sede do Sindicato dos Professores.



Fonte: Disponível em:

<https://www.google.com/maps/contrib/109563803352072022220/photos/@-22.8415386,->

[47.0527949,17z/data=!3m1!4m3!8m2!3m1!1e1?entry=ttu](https://www.google.com/maps/contrib/109563803352072022220/photos/@-22.8415386,-47.0527949,17z/data=!3m1!4m3!8m2!3m1!1e1?entry=ttu). Acesso em: 25 maio 2023.

Maurina formou-se em Pedagogia e, a convite de Marco Ignacio, foi trabalhar com ele no Sindicato dos Professores de Campinas.

Embora houvessem passados quatro anos, Bagalilo não conseguia esquecer de Maurina e, já separado do seu relacionamento, só pensava em Maurina. Seu mundo estava de cabeça para baixo, tudo dava errado e havia muitas dificuldades nesses tempos.

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

Um dia, Bagalilo entristecido e relembando de tudo que havia acontecido com ele e Maurina, toma a decisão de escrever uma carta. Uma carta onde colocaria todos os seus sentimentos, mesmo sem saber o que se passava na vida de Maurina. Será que ela havia casado? Por onde andava? O que fazia?

Lembrou do Sindicato, onde Maurina trabalhava, e ligou para saber se ela ainda trabalhava lá. Alguém respondeu que sim. Passados mais alguns minutos, a ansiedade tomava conta de seu coração e ligou novamente dizendo para a atendente que era um amigo de longa data, que estava distante e gostaria de saber notícias de Maurina. Como ela está? Está casada? Tem filhos? Perguntava Bagalilo, ansioso. Não! Não está casada. Está em férias do trabalho respondeu a atendente.

Então começou a escrever sem parar. Escreveu seis páginas sem se identificar, colocou a carta em um envelope pardo, escreveu as palavras “urgente e confidencial” e postou, no correio, para o endereço do trabalho de Maurina. No campo remetente escreveu apenas: Caixa posta número 13 – Guarulhos/SP.

Marco Ignacio, agora solteiro, pois havia se separado de Luzia, recebe o envelope entregue no Sindicato. Observa que era algo muito urgente. Sabendo que Maurina estaria num show em um shopping ali perto, vai ao seu encontro e entrega-lhe o tal envelope tão urgente e confidencial. Maurina lê e logo percebe que a carta era do Bagalilo que lhe contava tudo que sentia e, dentre outras coisas, que tinha uma filha chamada Rayssa.

Maurina, então, lê a carta para seus pais. E Dona Dominga, que era uma pessoa muito à frente do seu tempo, apenas lhe fez uma pergunta: “Você ainda gosta dele, minha filha?”. E Maurina responde que sim. Seu Pai, Pedro não gostou muito da ideia. Mas não comentou.

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

Bagalilo continuou sua vida em São Paulo, agora solteiro, trabalhando em Guarulhos, saudoso, porém sem grandes expectativas com relação à Maurina. Afinal, passaram-se quatro anos desde que terminaram e talvez ela nem tivesse recebido sua carta. Se recebeu, deveria estar casada ou namorando e nem havia dado atenção à sua carta.

Passaram-se mais ou menos vinte dias após Bagalilo ter enviado a carta à Maurina, o contínuo da empresa retornou do correio trazendo as correspondências. Eis que entre elas havia um pequeno envelope de carta, com as bordas em verde e amarelo, endereçado ao Bagalilo. Seu coração disparou, suas mãos tremem e ele teve que se sentar para ler. Era uma carta de Maurina respondendo a sua, e dizendo que sempre teve vontade de conversar, saber e entender mais sobre tudo o que aconteceu com eles. Bagalilo quase não acreditou que havia recebido a cartinha que continha ao final da página, no quanto inferir esquerdo, uma nota que dizia: **“não estou casada e não estou namorando”**. Além de um carimbo com o desenho do Mickey Mouse e um número de telefone para contato.

Bagalilo não se continha de tanta felicidade e, agradecido ao Grande Arquiteto do Universo, porém ansioso e até mesmo trêmulo, liga para Maurina e marca um local, em Campinas, para se encontrarem e conversarem.

## ***Capítulo XVI - O xeque-mate do destino***

---

---

O destino é uma sucessão inevitável de acontecimentos relacionados a uma possível ordem cósmica e que conduz a vida dos habitantes desse planeta de acordo com uma ordem natural, segundo a qual nada do que existe pode escapar. Nós podemos até tentar mudar isso, mas não serão poucas as vezes em que esbarraremos com o nosso destino pelos caminhos que escolhemos para fugir dele.

Havia algo diferente acontecendo com Bagalilo e Maurina após as trocas de cartas. Havia uma energia diferente, um pensamento de ambos sobre se tudo o que estava acontecendo era obra do destino. Seria isso? Seria verdade que o destino mexe com as pessoas, como se estivesse mexendo com as peças de xadrez sobre o tabuleiro da vida? Aquilo realmente estava acontecendo? Quatro anos longe um do outro sem ao menos se cruzarem pelas ruas de Campinas? O destino existia? E era crível?

Maurina, que já havia retornado das férias, e não via a hora do final do expediente, para reencontrar Bagalilo, recebe em sua mesa de trabalho a sua colega Marisa, que lhe oferece um par de ingresso para um baile numa casa noturna chamada Pachá Brasil<sup>20</sup>. Maurina, que já havia marcado o compromisso do provável reencontro, agradece a Marisa, porém recusa os ingressos e diz a ele que tinha um compromisso naquela noite. Marisa, então, dá os ingressos para o jornalista Clóvis Torres

---

<sup>20</sup> A Pachá Brasil foi uma das casas noturnas mais badaladas de Campinas. Inaugurada no ano de 1992, fez a cabeça dos jovens e dos adultos nos anos 90. A Pachá ficava onde hoje é o Campinas Hall, no Parque Primavera, próximo à Rodovia D. Pedro I – Campinas/SP.

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

que também era colega delas no sindicato. Maurina e Bagalilo haviam marcado de se encontrar no apartamento da Nelma Cristina Carvalho. Uma das suas melhores amigas que conhecera na faculdade de pedagogia.

Na hora marcada, Bagalilo toca o interfone. Maurina atende e desce para o tão esperado encontro. Bagalilo também nunca mais esqueceu daquele momento vendo Maurina saindo do prédio, vestindo uma jaqueta de couro preta e uma calça jeans tipo pantalonas na cor clara e botas de cano baixo na cor preta. Tinha seus cabelos curtos cortados a moda Chanel, cujos fios negros desciam logo abaixo das orelhas e findavam no pescoço. Sorria maravilhosa com seu diastema<sup>21</sup> nos dois dentes frontais superiores que eram uma espécie de marca registrada. Seus olhos amendoados e castanhos escuros pareciam que brilhavam mais naquela noite.

Bagalilo vestia uma calça clara e uma camiseta verde com estampas de flores, em vários tons verde, e usava um corte de cabelo que deixa a parte de trás um pouco mais comprida. Aquele momento tão esperado estava acontecendo para ele e para ela. Maurina vem em sua direção sorridente e ambos se abraçam demoradamente. Bagalilo, dentro daquele abraço, só pensava em agradecer ao Criador por ter lhe permitido aquela oportunidade. Ou melhor: aquela segunda oportunidade.

Veio à Campinas com um carro alugado para sair com Maurina naquela noite. E juntos, após aquele abraço demorado, partem para um barzinho, sugerido por Maurina, para conversarem sobre tantas coisas que ficaram para trás mal resolvidas.

---

<sup>21</sup> Diastema é um espaço extra que se forma entre um ou mais dentes. É uma condição mais comum nos dentes frontais superiores, mas também pode aparecer nos demais dentes.

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

Bagalilo sentado, ali, na frente de Maurina, observando-a falar docemente, como de costume, só queria abandonar tudo que fez e que passou durante o tempo em que esteve longe de Maurina. Por um momento pensou num texto que havia lido, de autor desconhecido, cujo teor encaixava-se exatamente naquela situação, naquele momento em que as palavras, às vezes, faltavam para os dois. Eles queriam falar e por momentos não conseguiam. Eles queriam falar como se naquele momento estivessem fazendo uma reverência ao destino e Bagalilo pensou no texto que havia lido e pensou também que deveria ter lido esse mesmo texto há quatro anos:

*“Falar é completamente fácil, quando se tem palavras em mente que expressem sua opinião. Difícil é expressar por gestos e atitudes o que realmente queremos dizer, o quanto queremos dizer, antes que a pessoa se vá.*

*Fácil é julgar pessoas que estão sendo expostas pelas circunstâncias. Difícil é encontrar e refletir sobre os seus erros, ou tentar fazer diferente algo que já fez muito errado.*

*Fácil é ser colega, fazer companhia a alguém, dizer o ele deseja ouvir. Difícil é ser amigo para todas as horas e dizer sempre a verdade quando for preciso. E com confiança no que diz.*

*Fácil é analisar a situação alheia e poder aconselhar sobre esta situação. Difícil é vivenciar esta situação e saber o que fazer ou ter coragem para fazer.*

*Fácil é demonstrar raiva e impaciência quando algo o deixa irritado. Difícil é expressar o seu amor a alguém que realmente te conhece, te respeita e te entende. E é assim que perdemos as pessoas especiais.*

*Fácil é mentir aos quatro ventos o que tentamos camuflar. Difícil é mentir para o nosso coração.*

***Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz***

*Fácil é ver o que queremos enxergar. Difícil é saber que nos iludimos com o que achávamos ter visto. Admitir que nos deixamos levar, mais uma vez, isso é difícil.*

*Fácil é dizer “oi” ou “como vai?” Difícil é dizer “adeus”, principalmente quando somos culpados pela partida de alguém das nossas vidas...*

*Fácil é abraçar, apertar as mãos, beijar de olhos fechados. Difícil é sentir a energia que é transmitida. Aquela que toma conta do corpo como uma corrente elétrica quando tocamos a pessoa certa.*

*Fácil é querer ser amado. Difícil é amar completamente só. Amar de verdade, sem ter medo de viver, sem ter medo do depois. Amar e se entregar, e aprender a dar valor somente a quem te ama.*

*Fácil é ouvir a música que toca. Difícil é ouvir a sua consciência, acenando o tempo todo, mostrando nossas escolhas erradas.*

*Fácil é ditar regras. Difícil é segui-las. Ter a noção exata de nossas próprias vidas, ao invés de ter noção das vidas dos outros.*

*Fácil é perguntar o que deseja saber. Difícil é estar preparado para escutar esta resposta ou querer entender a resposta.*

*Fácil é chorar ou sorrir quando der vontade. Difícil é sorrir com vontade de chorar ou chorar de rir, de alegria.*

*Fácil é dar um beijo. Difícil é entregar a alma, sinceramente, por inteiro.*

*Fácil é sair com várias pessoas ao longo da vida. Difícil é entender que pouquíssimas delas vão te aceitar como você é te fazer feliz por inteiro.*



*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

*Fácil é ocupar um lugar na agenda telefônica. Difícil é ocupar o coração de alguém, saber que se é realmente amado.*

*Fácil é sonhar todas as noites. Difícil é lutar por um sonho.*<sup>22</sup>

Como teria sido o passado, se Bagalilo tivesse acesso a esse mesmo texto? Como seria a vida dele se tivesse refletido sobre o tema?

Mas, Bagalilo, naquele instante, naquela hora, em que voltava dessa rápida viagem e do “*djavú*” sentado à frente de Maurina naquela mesa de bar preferiu pensar que, tudo o que havia acontecido com os dois, fosse obra do destino que mexia com as pessoas como se fossem peças de um jogo de xadrez no tabuleiro da vida.

E vejam só, como essa afirmação, era a mais pura verdade. Naquele exato momento Clóvis Torres, o jornalista, que havia ganho os ingressos de Marisa, coincidentemente, estava nesse mesmo bar e vai até a mesa onde estavam Maurina e Bagalilo e oferece os mesmos ingressos para o baile que Maurina havia recusado da sua colega Marisa. Clóvis insiste para que os dois aceitassem os ingressos e fossem ao baile. Maurina pensou: acho que isso pode ser um sinal ou um acaso do destino. E aceitou os ingressos.

Aproximando-se do horário do início do baile, ambos seguem para a Pachá Brasil já com vários assuntos resolvidos e com muita vontade de que algo mais pudesse fluir para os dois naquela noite. Entre uma conversa e outra, um carinho e outro, os dois começam a dançar. E ali, juntinhos, abraçados trocam o primeiro beijo daquela noite que selaria um retorno após tantos anos.

---

<sup>22</sup> Texto de domínio público cujo autor é desconhecido.

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

Figura 15 – A Pachá Brasil.



Fonte: Disponível em: <https://www.campinashall.com.br/#>. Acesso em: 25 maio 2023.

No final daquela noite maravilhosa, Bagalilo, ao deixá-la no apartamento da amiga, lhe dá um CD da banda Eagles<sup>23</sup> e pede para ela ouvir uma das faixas com o título “*The Best of my Love*”. Que não por acaso, a tradução, queria dizer:

Todas as noites, estou deitado na cama  
Segurando você perto nos meus sonhos  
Pensando sobre todas as coisas que nós dissemos  
E nos separando  
Tentamos falar sobre isso  
Mas as palavras saem ásperas

---

<sup>23</sup> Eagles é uma banda norte-americana de rock, formada em 1971 em Los Angeles, Califórnia por Glenn Frey, Don Henley, Bernie Leadon e Randy Meisner.

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

Eu sei que você estava tentando  
Me dar o melhor de seu amor  
Lindos rostos e muitos lugares vazios  
Olhe para o modo como vivemos  
Perdendo nosso tempo em conversa barata e vinho  
Restou-nos tão pouco para dar  
Essa mesma multidão velha  
Era como uma fria nuvem escura  
Que nós nunca poderíamos ultrapassar  
Mas aqui, no meu coração, te dou o melhor do meu amor  
Oh, doce querida, você tem o melhor de meu amor, oh  
Doce querida, você tem o melhor de meu amor  
Estou voltando no tempo  
E é um belo sonho  
Era uma noite calma  
E eu ia ficar bem  
Se eu pudesse ir dormir  
Mas toda manhã  
Eu acordo e preocupo-me  
O que vai acontecer hoje  
Você vê isso à sua maneira  
E vejo à minha  
Mas nós vemos isso indo embora  
Você sabe que nós sempre tivemos um ao outro, amor  
Acho que não foi suficiente  
Ah, mas aqui no meu coração  
Dou-lhe o melhor de meu amor  
Oh, doce querida  
Você tem o melhor de meu amor  
Oh, doce querida  
Você tem o melhor de meu amor

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

Todo dia e noite

Você tem o melhor de meu amor

Oh, doce querida, você tem o melhor de meu amor

Oh, doce querida, você tem o melhor de meu amor.

Era o destino, jogando o xadrez da vida. Mexendo as peças, do destino dos dois. Mas, agora, numa jogada de xeque-mate.

## *Capítulo XVII – Para sempre*

---

---

A manhã ensolarada de um sábado de verão começava com muita alegria, pois Bagalilo iria receber Maurina e Luzia em São Paulo, no fim de semana seguinte àquele reencontro em Campinas. Ele morava num apart hotel, próximo à Avenida Paulista e estava lá, provisoriamente, após o término de seu relacionamento com a mãe de Rayssa.

Alguns dias depois, mudou-se para a cidade de Guarulhos para ficar mais perto do seu trabalho atual. Ia à Campinas todos os finais de semana para ficar com ela.

Mas havia uma situação a ser resolvida: Seo Pedro, o Pai de Maurina, não estava aceitando bem essa volta dos dois e estava muito resistente em receber Bagalilo em sua casa. Como fazer para ficarem juntos diante desse problema a ser resolvido?

Ana Ferreira de Almeida – a Nana – casada com Arlindo Costa, oferece seu apartamento para receber Bagalilo e Maurina aos fins de semana. Nana era e é um outro Anjo da família Almeida que está sempre disposta a todos ajudar e não é capaz de dizer não para ninguém.

Quando chegava a sexta-feira, lá ia Maurina para o apartamento da Nana levando, embaixo do braço, o colchonete enrolado.

Dona Dominga, que repito, era uma mulher à frente do seu tempo, apesar de não saber escrever, tinha uma inteligência e uma visão de mundo fantástica. Ela aconselhou Maurina a viver por uns tempos com Bagalilo, antes de casar-se, para saber se era realmente aquilo que ambos queriam.

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

Os encontros no apartamento da Nana aconteceram por algum tempo até que Bagalilo fosse à casa da Maurina para ter uma conversa com o Seo Pedro. Depois de algumas horas de conversa, tudo se esclarece e ele aceita o relacionamento.

Tudo começou a melhorar na relação de Bagalilo com o sogro quando ele começa a perceber a chegada de utensílios domésticos como: o fogão, a geladeira etc. em sua casa. Os utensílios eram guardados no quarto da Maurina. Seo Pedro viu que a coisa era séria e que o casamento de Bagalilo e Maurina aproximava-se.

Em meio a esse período conturbado, Bagalilo recebe a notícia do falecimento do seu pai, Mário Streb. Avisa Maurina por telefone e pega o primeiro voo para o Rio Grande do Sul para acompanhar o enterro do seu pai.

Como diz o ditado popular...É vida que segue! E Bagalilo retorna a Guarulhos e continua o seu trabalho numa fábrica americana de motores diesel. Trabalhava de segunda a sexta-feira na fábrica e na sexta à noite já corria para Campinas para se encontrar com seu amor.

Foi lá que Bagalilo aprendeu muito e trabalhou sempre imaginando que tudo aquilo que ele estava vivenciando, um dia, serviria para o seu próprio negócio.

No dia 21 de fevereiro do ano de 1997, Bagalilo e Maurina casaram-se. Rayssa, a filha de Bagalilo, entrou com ele na Igreja, pois não havia ninguém da sua família presente. Rayssa vestia um vestidinho xadrez, em azul clarinho com branco, um babadinho no peito, cabelos penteados e repartidos ao meio com duas maria-chiquinha amarradas com lacinhos brancos. Chorava um pouco, pois não havia ensaiado essa entrada que aconteceu de última hora.

Maurina vestia uma blusa e uma saia longa na cor champagne com sapatos quase da mesma cor e Bagalilo vestia

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

um blazer de linho na cor crua, calça no mesmo tom, uma camiseta de manga curta na cor branca e um sapato tipo tênis bege.

Estavam testemunhando aquele momento mágico somente a família, pouquíssimos amigos e alguns colegas de trabalho do casal.

Ao final da cerimônia do casamento, todos da família foram para a casa de Dona Domingas e Seo Pedro para um pequeno jantar preparado amorosamente por Domingas.

No dia seguinte, Bagalilo e Maurina partem em lua de mel para Porto Seguro, a fim de selar, confirmar e sacramentar aquela relação que, há muito, já estava escrita nos alfarrábios do destino preparado para os dois.

Haviam jurado que, após o reencontro, estariam vivendo um para o outro... **Para Sempre!**

## ***Capítulo XVIII – Um porto seguro chamado família***

---

---

Após aquela fantástica lua de mel em Porto Seguro/BA, Bagalilo e Maurina iniciam sua vida a dois, com muita fé, foco e coragem. Haviam alugado um apartamento na avenida Doutor Theodureto de Arruda Camargo, nas proximidades da lagoa do Taquaral.<sup>24</sup>

Maurina estava trabalhando no Sindicato dos Professores e Bagalilo trabalhando em Guarulhos, na multinacional americana de motores diesel. Eram tempos sofridos, pois Bagalilo tinha que viajar a Guarulhos todos os dias utilizando um ônibus fretado. Não havia hora para chegar em casa à noite, pois, muitas vezes, a Marginal Tietê ficava congestionada ou alagada por enchentes e a chegada a Campinas tornava-se incerta. Várias foram as vezes em que Bagalilo chegava após as 22h:00 ou até mesmo nas primeiras horas da madrugada devido a esses problemas de trânsito e clima.

Pouco mais de um semestre, após o casamento dos dois, eles conseguiram, com muito sacrifício, comprar a tão sonhada casa própria, que ficava no bairro Jardim Santana, na zona leste de Campinas. Ali, naquele endereço, puderam realmente seguir juntos a sua jornada na busca por dias melhores e pela realização dos seus sonhos. Rayssa veio morar com eles por

---

<sup>24</sup> O Parque Portugal – Lagoa do Taquaral é um parque no bairro do Taquaral, na Região Leste de Campinas, no estado de São Paulo, no Brasil. É o parque mais famoso da cidade. Junto com o Lago do Café e a Praça Arautos da Paz, forma a mais importante zona de lazer da cidade.



*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

decisão da sua mãe. E os três seguiram em frente, de acordo com os desígnios do Pai Celestial para aquela família com três integrantes.

Por meados do mês de janeiro do ano de 2000, Maurina recebe a confirmação da sua gravidez. E nessa hora, mais uma vez, o destino mexia com as peças da vida dando a Bagalilo e Maurina um presente e uma grande possibilidade. Afinal, Bagalilo, era vasectomizado e havia acabado de fazer uma reversão dessa vasectomia.

Nove meses depois, mais precisamente no dia 01 de setembro do ano de 2000, na virada do século XX para o século XXI, vinha ao mundo, pela bondade do Grande Arquiteto do Universo, a Marcela Almeida Streb, numa sexta-feira nublada e chuvosa de inverno.

Bagalilo jamais esqueceu daquele momento ímpar em sua vida. Aguardava na sala de espera acompanhado de Dona Dominga, sua sogra, a hora do nascimento. Nervoso e angustiado pela demora do procedimento, seu coração dá um salto quando houve a porta do elevador abrir-se e uma enfermeira com um bebê nos braços grita por seu nome.

Ela abre os panos de cor azul marinho e surge diante dos olhos ávidos de Bagalilo, aquele bebê maravilhoso, ainda sujinho do parto, a chorar como a dizer a seu pai: “Sou eu! Sua filha! E cheguei para ser feliz junto contigo!”.

Bagalilo chorou muito naquela hora. Dona Dominga faz-lhe um carinho e dá os parabéns. Olha para aquela menina e agradece a Nossa Senhora Aparecida pela oportunidade de conhecer mais uma netinha.

Bagalilo tornava-se pai mais uma vez. Admitia que além de alegre, estava bem assustado. Era mais uma responsabilidade que Deus havia colocado nas suas tarefas terrenas. Mas quando Bagalilo viu aquele rostinho lindo pela

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

primeira vez, todo o seu medo desapareceu. Bagalilo percebia que era muito mais forte do que imaginava. Sim, a responsabilidade ainda existia afinal era responsável por aquele serzinho tão pequenino, tão frágil e inocente. Pensava que não seria fácil protegê-la do mundo que estava tão perverso e tão cruel com seus habitantes. E ser pai daquela menininha dava-lhe forças para não ter medo e cumprir sua tarefa de pai com o maior prazer possível e imaginável.

Ser pai da Marcela seria a sua maior e melhor missão. E Bagalilo olhando para o seu bebê disse a ela: *“Eu sei que você é uma das melhores coisas que aconteceram, tanto para mim como para o mundo. O Grande Arquiteto do Universo concedeu-me essa graça após eu ter feito uma vasectomia. Você é perfeita exatamente como você é e como veio para esse mundo de provas e expiações. Exatamente assim... como você é! Obrigado por existir, minha filha. Muito obrigado por permitir que eu seja o seu pai. Muito obrigado por você estar aqui. Eu te amo muito e sempre te amarei. Seja bem-vinda!”*.

## ***Capítulo XIX – Novas jogadas no tabuleiro da vida***

---

---

Era o ano de 2001, enquanto o mundo estava estarecido pelo atentado terrorista às Torres Gêmeas do World Trade Center<sup>25</sup>, em Nova Iorque, nos Estados Unidos, ( que mudou os rumos da história do mundo e marcou uma nova realidade), Bagalilo perde o emprego na fábrica americana de motores diesel. Então, ele decide viver do seu próprio negócio.

O começo desse projeto pessoal foi muito difícil. Bagalilo e Maurina estavam em meio a uma reforma na casa que compraram e, além da Marcela, ainda bebê, recebiam, eventualmente, a Rayssa, pequenina, que ficava aos finais de semana com eles, como se fosse uma espécie de guarda compartilhada. A situação foi ficando difícil e eles quase perderam a casa que haviam comprado, não fosse a ajuda da família e de amigos.

Porém, o Grande Arquiteto do Universo, como não deixa nenhum dos seus filhos desamparados logo mexeu mais uma vez com as peças do xadrez da vida dos dois e eles

---

<sup>25</sup> Os ataques ou atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 foram uma série de ataques suicidas contra os Estados Unidos coordenados pela organização fundamentalista islâmica al-Qaeda em 11 de setembro de 2001. Na manhã daquele dia, dezenove terroristas sequestraram quatro aviões comerciais de passageiros. Os sequestradores colidiram intencionalmente dois dos aviões contra as Torres Gêmeas do complexo empresarial do World Trade Center, na cidade de Nova Iorque, matando todos a bordo e muitas das pessoas que trabalhavam nos edifícios.

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

conseguiram, através de uma negociação, quitar o financiamento da casa em pouco menos de cinco anos.

Bagalilo começa a trabalhar no seu próprio negócio voltado para a prestação de serviços de Prevenção e Combate a Incêndios, Segurança do Trabalho e Meio Ambiente. E começa a prosperar ministrando cursos de formação de Bombeiros Profissionais Civis.

A empresa conquistou clientes multinacionais, alçou voos mais longes e foi atender clientes no estado da Bahia, no estado do Rio Grande do Sul, entre outros. Contrataram colabores e o negócio foi caminhando e crescendo com muita dedicação e esforço.

Figura 16 – À esquerda Paulo Ricardo de Oliveira Streb (irmão in memoriam). À direita Robson Marcelo Ferreira de Almeida (cunhado), bombeiros civis.



Fonte: Acervo do autor.

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

Maurina deixou o seu emprego no Sindicato dos Professores e passou a trabalhar com o Bagalilo. Conseguiram concluir a reforma da casa, passaram a ajudar alguns irmãos de Bagalilo que vieram do Rio Grande do Sul, alguns sobrinhos de Maurina, além de seu irmão que se formou e tornou-se Bombeiro Civil. Alguns continuaram trabalhando com Bagalilo e outros, através do seu livre arbítrio, optaram por voltar ao sul e seguirem suas vidas conforme gostariam. Bagalilo e Maurina, além da empresa que tinham em Campinas/SP também abriram empresa do mesmo ramo na cidade de Eunápolis/BA, próximo a Porto Seguro/BA e na cidade de Rio Grande/RS, onde tiveram a oportunidade de ajudar os familiares e muitas outras famílias, através da oferta de emprego para muitos profissionais prestadores de serviços.

Figura 17 – O Bombeiro Oli Erico de Oliveira Streb.



Fonte: Acervo do autor.

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

Bagalilo amava trabalhar no seu próprio negócio e, sempre otimista, gostava de falar aos seus colaboradores: *“Quando temos amor pelo que fazemos, a probabilidade de sucesso é muito maior.”*

Figura 18 – O Técnico de Segurança da Empresa – Carlos Ronaldo Streb<sup>26</sup>.



Fonte: Acervo do autor.

---

<sup>26</sup> continuou por um bom tempo trabalhando como Técnico de Segurança e Coordenador nas empresas de Bagalilo, em Campinas/SP, em Eunápolis/BA e em Rio Grande/RS.

## *Capítulo XX – Augustos Mistérios*

---

---

O ano de 2007 foi marcado por vários momentos bons e de comemorações com a vinda do Papa Bento 16 ao país, os jogos Olímpicos, o lançamento do Iphone e a produção de células tronco a partir da pele. Mas também foi marcado por tragédias, como o acidente com a Airbus da TAM, no aeroporto de Congonhas na cidade de São Paulo.

No primeiro semestre de 2007 aconteceu algo na vida de Bagalilo que iria mudá-la mais ainda. Um amigo, já de idade, convidou-lhe para conhecer uma fraternidade, perguntando-lhe se ele gostaria de conhecer um grupo de homens que se tratam por irmãos e que convivem fraternalmente com o objetivo de se aperfeiçoar e ajudar, de forma velada, aqueles que mais precisam. Grupo que lhe daria a possibilidade de aperfeiçoar-se, de instruir-se, de disciplinar-se, de conviver com pessoas que, por suas palavras, por suas obras, podem constituir-se em exemplos; encontrar afetos fraternais em qualquer lugar em que se esteja dentro ou fora do país. Finalmente, ter a enorme satisfação de haver contribuído mesmo em pequena parcela para a obra moral e grandiosa levada a efeito pelos homens.

Bagalilo então pergunta: “Mas que grupo é esse?”. “A Maçonaria”- responde o seu amigo mostrando-lhe um símbolo formado por um esquadro e um compasso.

Bagalilo lembrou imediatamente da história que seu pai lhe havia contado sobre aquele senhor negro, num bar, que usava um anel com um compasso e um esquadro cujo símbolo ele agora estava conhecendo. Era o símbolo da Maçonaria.

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

Mas a Maçonaria não é secreta? Pergunta Bagalilo a seu amigo que o sondava. Não! Responde-lhe o seu amigo, pela simples razão de que sua existência é amplamente conhecida. As autoridades de vários países concedem-lhe personalidade jurídica. Seus fins são amplamente difundidos em dicionários, enciclopédias, livros de histórias etc. O único segredo que existe e não se conhece senão por meio de ingresso na instituição são os meios para se reconhecer os maçons entre si, em qualquer parte do mundo e o modo de interpretar seus símbolos e os ensinamentos neles contidos.

Bagalilo então aceita ingressar nessa fraternidade porque viu que ali ele poderia se desenvolver, ajudar os homens a reforçarem o seu caráter, melhorar sua bagagem moral e espiritual, bem como aumentar seus horizontes culturais.

Após sua iniciação, que aconteceu na Loja Maçônica Prudente de Moraes, na cidade de Itu/SP, Bagalilo passa a dedicar-se aos estudos. Observava seus amigos, agora chamados de irmãos, e inspirava-se neles. Todos tinham o dom da oratória, tinham muito conhecimento sobre a fraternidade maçônica e buscavam ajudar seus irmãos mais novos. E Bagalilo pensava: eu gostaria de ser igual a eles.

O tempo foi passando e Bagalilo alcançando novos graus na Ordem Maçônica. Passando de Aprendiz, para Companheiro e, finalmente, chegou ao grau de Mestre - considerado como o grau da plenitude maçônica. Contudo, ele queria mais e iniciou seus estudos nos graus filosóficos da Maçonaria.

Bagalilo agora se dedicava a escrever sobre temas maçônicos e gostava muito de compartilhar seus trabalhos com os demais irmãos da sua Loja.

Após oito anos frequentando a Loja Prudente de Moraes, na cidade de Itu, Bagalilo filia-se a uma Loja em Campinas, onde residia. Ficaria mais próximo de sua casa e ele



*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

não precisaria viajar à Itu toda semana. Ingressa na Loja Cavaleiros da Luz e continua a escrever sobre Maçonaria, sendo convidado, por outras Lojas da região de Campinas, para realizar palestras e participar como palestrante convidado em alguns seminários e nos capítulos filosóficos dos quais participava.

Bagalilo começou a escrever para algumas revistas maçônicas, participou de concursos literários dentro da Ordem Maçônica e foi premiado por duas vezes. Ganhou o Prêmio Adair Peres de Carvalho, promovido pelo Grande Oriente Paulista que é o órgão administrador de todas as Lojas Maçônicas do Estado de São Paulo. Ingressou na Academia Campinense Maçônica de Letras e na Academia Maçônica de Ciências, Letras e Artes da Confederação Maçônica Brasileira – COMAB onde foi premiado por nove vezes nos concursos literários promovidos por essa instituição.

Bagalilo passou a anotar suas atividades na Maçonaria e criou um histórico de sua trajetória maçônica que incluía também artigos escritos em Portugal e Venezuela. No ano de 2019, passa a fazer parte, como membro efetivo, da Loja Maçônica Paul Harris e ingressa na Loja Maçônica Virtual de Estudos e Pesquisas Estrela Polar.

Junto com alguns irmãos de Loja, começaram a fazer a verdadeira maçonaria, trabalhando para ajudar aqueles que mais precisavam. E foi com essa vontade que Bagalilo, seus irmãos e seus amigos criaram a ONG – Sociedade Filantrópica Foco Fraternal - Mercadinho Filantrópico, sem fins lucrativos, mas com o objetivo, único, de ajudar famílias em situação de vulnerabilidade com cestas básicas, produtos de limpeza e higiene pessoal. Ali, no Mercadinho Filantrópico, Bagalilo e seus amigos estavam fazendo o que realmente se espera de um verdadeiro Maçom.

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

Bagalilo era um Maçom real. Um homem simples, de bons costumes e com o seu coração sensível ao bem. Havia conquistado muitas amizades verdadeiras na Ordem Maçônica e tratava a todos com muito carinho e simplicidade. Conheceu também aqueles que eram tomados pelas vaidades efêmeras e que se incomodavam com a trajetória do Bagalilo. Passou a compreender o significado das palavras amor fraternal. Tudo que viveu na Maçonaria o fez compreender, mais ainda, que um homem, na qualidade de Maçom Real deve trabalhar sua pedra bruta, cavar masmorras aos seus vícios e levantar templos às suas virtudes. Bagalilo agora compreendia e entendia quem foi aquele homem preto que usava um anel com o símbolo maçônico e que havia sussurrado no ouvido do seu pai a seguinte frase: “Se quiser que seu filho seja feliz... coloque, nele, o nome de...”

Era, mais uma vez, o destino dando provas sobre seus desígnios preparados, pelo Grande Arquiteto do Universo, para o Bagalilo. Aquele menino que nasceu em Cachoeira do Sul/RS, em 1959, numa noite de inverno e lua cheia.

Bagalilo só ficou pensativo sobre o porquê daquele homem, tão sábio, estar vestido com seu terno surrado, desleixado, fumando, bebendo e sozinho na vida. Ele estaria sucumbido pelos seus próprios vícios? Ou teria sido segregado pelos seus irmãos a ponto de ficar desgostoso com a vida? Ficava no ar mais uma busca pela verdade ou por uma palavra perdida que explicasse isso.

## **Capítulo XXI - A iluminação do anjo “Noah”**

---

---

O Ano de 2014 que começou numa quarta-feira, seria mais um ano comum do século XXI, se não fosse marcado por um acontecimento grandioso no seu segundo dia: 02 de janeiro. Esse foi o dia marcado pelo Criador para mandar ao mundo mais um dos seus mensageiros com uma missão secreta para nós, os habitantes desse planeta.

Estava chegando ao mundo o filho da Rayssa. O Neto de Bagalilo. Ele estava na Bahia, com a família quando soube da notícia da esperada chegada do seu neto.

Já havia um tempo que Bagalilo andava pensativo sobre a nova fase da sua vida que antes era de pai e agora seria de avô.

Qual seria o seu papel? Como reagiria? Como se sentiria na condição de avô? Havia tantas perguntas e poucas respostas. Bagalilo somente sentia em seu coração muita ansiedade e sua vida esperava um lindo netinho que acabara de chegar. Um menino que daria um novo sentido à sua vida num momento em que não esperava que algo assim acontecesse. Mas já estava desejoso pelo dia da chegada do seu neto para poder segurá-lo em seus braços e dar-lhe todo o carinho que ele merecia. Afinal, a felicidade está presente em momentos como esses, quando esperamos aqueles que estão para chegar.

Bagalilo pôs-se a pensar: vejam só como é interessante a nossa vida.

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

Que interessante são os desígnios do Grande Arquiteto do Universo quando envia ao nosso convívio Anjos que possuem a missão de mudar nossas vidas.

Esses Anjos têm a missão especial e transformadora de promover reformas nas famílias, sem que tenhamos a capacidade ou o discernimento de entendermos ou vermos de imediato essas transformações.

Figura 19 – A casa cheia de amor com a chegada do neto Lucca Noah.



Fonte: Acervo do autor.

O Grande Arquiteto do Universo, na sua infinita sabedoria e bondade, enviou-nos seu querubim e disse-lhe: Você terá a missão de reunir e transformar a vida daquelas

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

peessoas que habitam o grãozinho chamado Terra. Vá e faça acontecer e mostre a cada um o caminho para a mudança deles.

Passava o tempo e, vez ou outra, Bagalilo alimentava seus pensamentos em relação ao seu neto, refletindo sobre como os Anjos são simples e passam aqui por algumas dificuldades, tal e qual nós passamos, com o objetivo de nos mostrar que vieram para ser justamente igual a nós e passar pelas mesmas coisas boas ou ruins que passamos.

Por quê? Porque os Anjos são diferentes! São iluminados e, justamente por isso, não ostentam sua condição. Muito pelo contrário! Eles se adaptam às nossas condições de provas e expiações. E sempre que podem nos dão sinais de como poderemos fazer as coisas diferentes.

Há pouco tempo vive entre nós este Anjo. Só que poucos tiveram tempo para parar a analisar sua chegada e sentir nos seus gestos e atitudes pelo menos um pouco do que ele veio fazer aqui.

Isso, na verdade, é para poucos. É como se saíssemos do nosso corpo, numa ação de desdobramento e pudéssemos ver este serzinho sem asas, agindo e executando seus ensinamentos, apenas com pequenas demonstrações de carinho.

Quis o Mestre Jesus, que seu querubim, por várias razões que não nos cabe entender, tivesse dois nomes fortes: **Lucca Noah**.

**Lucca** que significa o iluminado e **Noah** que é uma variação de Noé e que significa “Longa Vida” ou ainda “Descanso, Repouso”.

O iluminado, pois sua Luz é evidente, embora nem todos entendam.

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

Noah que vem do Noé. Aquele que agregou, juntou os animais em casais e fugiu do Dilúvio, conforme narrado no Livro de Gênesis.

Logo, ele completou dois aninhos.

Dois aninhos, de muitos, e de uma longa jornada cheia de missões a cumprir e cheia de ensinamentos a receber.

Nós não sabemos ao certo, o que exatamente ele trouxe com ele, na sua bagagem, ao chegar neste mundo terreno.

Mas podemos imaginar que sua missão é boa, pois uma criança que chega, é como um Anjo, enviado para transformar tudo e todos.

## ***Capítulo XXII – Sobreviventes num mundo novo***

---

---

O ano de 2022 iniciou um tanto quanto diferente. O mundo estava se adaptando aos novos rumos e transformações impostas pela pandemia de Covid-19. Foram mais de dois anos e meio de pandemia e restrições de convívio pelo isolamento social.

Todos tentavam levar suas vidas da maneira mais normal possível ainda com receio de exposições, uma vez que a tal pandemia ainda não tinha sido totalmente extinta.

Não havia muito o que se comemorar. Porém nosso país estava em festa pelo seu aniversário de 200 anos da Proclamação da nossa República, em 07 de setembro.

Também não havia um sentimento patriótico que motivasse as pessoas a saírem às ruas para comemorar.

Havia sim uma grande movimentação política para a eleição do novo Presidente de República no mês de outubro e grande expectativa pela Copa do Mundo de Futebol a ser realizada no Catar que, nesse ano de 2022, não seria em julho como de costume, mas no mês de novembro devido às condições climáticas mais favoráveis naquele país.

Tudo estava diferente no mundo. O trabalho nas empresas tornou-se híbrido, ou seja: as pessoas poderiam trabalhar em suas casas, remotamente, e ir ao escritório da empresa uma ou duas vezes por semana.

Havia, também, um mundo virtual paralelo chamado de metaverso, tratava-se de um conceito de universo online 3D

### *Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

que combinava diversos ambientes virtuais. Era como uma interação futura da Internet e permitia que os usuários trabalhassem, se encontrassem, jogassem e socializassem em ambientes 3D.

Bagalilo e Maurina também trabalhavam em casa ou, como era costume falar, em Home Office. Dali, faziam seus contatos, contatavam empresas, contratavam profissionais, fechavam seus contratos e ajudavam famílias contratando mão de obra especializada.

Inseridos nesse mundo novo, pós-pandemia, Bagalilo e Maurina continuavam, com muito esforço e sacrifício, seu trabalho. Olhavam para trás a refletir sobre os vários anos trabalhando juntos.

Bagalilo, já aposentado e passando dos 60 anos, fazia uma retrospectiva da sua trajetória pessoal e profissional, percebendo que ao longo dos anos fez suas contribuições como profissional e como pessoa livre e de bons costumes.

Pensou com certa tristeza em seus irmãos que partiram para o plano superior. O Grande Arquiteto do Universo havia chamado, para junto de si, sua meia irmã Carmem, seus meios irmãos Mário Carlos e Luiz Carlos e seu penúltimo irmão Paulo Ricardo. Mas também teve pensamentos alegres sobre sua família constituída. As filhas cresceram e seguiam suas vidas como tinha de ser. Rayssa, formada em Relações Públicas, atuava em sua profissão com divulgação em um dos Shoppings Center de Campinas/SP e tinha a sua casa e sua família composta por ela, o Lucca Noah, uma cachorra chamada Molly e uma gatinha chamada Raia.

Marcela, agora com 21 anos, passava para o terceiro ano do curso de Medicina e morava em São Paulo.



### *Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

As filhas de Bagalilo, sempre que possível, estavam por perto e para ele e Maurina ficava evidente a compreensão e o entendimento sobre o que é ter uma família.

Bagalilo, quando completou 60 anos, decidiu estudar novamente e ingressou na faculdade de Filosofia formando-se após três anos.

Ele e Maurina conquistaram muitos amigos e sempre que podiam estavam juntos para confraternizar com as amizades. Chegaram a criar um grupo denominado “Amigos de Fé” em que, além de se encontrarem mensalmente, estudavam e falavam sobre espiritualidade. Juntos criaram uma ONG chamada Comunidade Filantrópica Foco Fraterno mais conhecida com Mercadinho Filantrópico e passaram a ajudar famílias em situação de vulnerabilidade, com distribuição de cestas básicas, roupas, calçados, produtos de limpeza e higiene pessoal.

Bagalilo como Maçom e estudante de Filosofia, além de escritor, criou um podcast<sup>27</sup> chamado “O Cinzel Filosófico” e gravava interpretação de textos de sua autoria, objetivando convidar seus ouvintes à reflexão sobre vários assuntos que geralmente eram motivadores. E os seus áudios eram

---

<sup>27</sup> Podcasting é uma forma de publicação de ficheiros multimídia (áudio, vídeo, foto, PPS, etc.) na Internet e cabe aos utilizadores acompanhar a sua atualização. O utilizador pode, assim, meramente acompanhar ou até mesmo descarregar automaticamente o conteúdo de um *podcast*.

A palavra “*podcasting*” é uma junção de iPod - marca do aparelho multimídia homónimo, da Apple Inc., que é sigla de “*Personal On Demand*” (numa tradução literal, algo pessoal e sob demanda) – e *broadcasting* (radiodifusão). O conjunto de ficheiros ou arquivos publicados por *podcasting* é chamada de *podcast*. O autor de um *podcast* é chamado *podcaster*.

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

distribuídos nas mais diversas plataformas de streaming<sup>28</sup> de divulgação pela internet.

Juntos, Bagalilo e Maurina, olhavam para trás com gratidão e para o futuro com muita fé. Haviam feito muitas coisas boas na vida e ganharam, com essas experiências, muitos tesouros. Não aqueles materiais que enriquecem e exacerbam as vaidades efêmeras. Mas aqueles tesouros como as amizades verdadeiras que pertenceram ao ontem, mas que seguem junto com eles até os dias de hoje e trazem consigo um peso de experiências que refletem como foi a vida que levaram. Juntos pensavam sobre quantos amigos havia antes e quantos permaneceram, quantos novos amigos vieram e por que alguns se foram. E mediam, sem cobranças, os níveis de bondade e importância de uma verdadeira amizade. Balizavam muitas coisas olhando aqueles que estavam ao seu redor. Fossem eles, os amigos ou os familiares.

Bagalilo acreditava que era um cara realizado e muito rico porque a sua riqueza se resumia em sua família, seus familiares e seus amigos verdadeiros. Lutava para estar sempre aprendendo a ser um homem livre, de bons costumes, fraterno e benevolente com todos.

Sempre amou sua companheira e esposa Maurina e não escondia isso de ninguém. Adorava escrever textos para ela, evidenciando o seu amor.

Bagalilo sempre acreditou naquelas palavras ditas ao seu pai pelo homem negro que usava um anel da Maçonaria no dia do seu nascimento: “Se quiser que seu filho seja feliz, coloque o nome dele de....”

---

<sup>28</sup> Plataformas de streaming são aquelas que possibilitam a transmissão de conteúdos pela internet, sem a necessidade de o usuário fazer download para ter acesso ao filme, música ou livro. Além disso, dependendo do seu plano de internet, não é preciso esperar o carregamento total para começar a usar.

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

Bagalilo era feliz sim!

Era feliz porque felicidade é o estado de quem é feliz e que tem uma sensação de bem-estar e contentamento que ocorre por vários motivos. Bagalilo era feliz porque sempre tinha com ele aqueles momentos duráveis de satisfação e sentia-se plenamente realizado. Era feliz porque nesses momentos de felicidade não havia nenhum tipo de sofrimento. Só alegria e contentamento.

E ele, então, agradecia ao Grande Arquiteto do Universo pela vida. E dizia: “Grande Arquiteto do Universo! Gracias a la vida!”.

## *Capítulo XXIII – Gracias a la vida*

---

---

Ao finalizar as histórias para o seu neto Lucca Noah, Bagalilo parou para pensar um pouco mais sobre como poderia encerrar os encontros que tiveram durante a pandemia. Afinal, teve momentos muitos bons com seu neto sempre atencioso, curioso e educado. Como sempre gostava de perguntar de onde seu avô tinha vindo, resolveu encerrar a história, falando para seu neto, de onde ele veio e o porquê de ter nascido lá no Rio Grande do Sul, do porquê de ter vindo para o Estado de São Paulo, do porquê de o destino ter mexido com as peças da vida como se fosse num tabuleiro de xadrez e o porquê sentia-se feliz e grato por tudo.

Bagalilo era grato ao Grande Arquiteto do Universo por ter lhe proporcionado momentos muito bacanas com sua família e principalmente com seu neto. E falou para o Lucca Noah: “Eu ainda não sei bem o porquê, mas creio que o Grande Arquiteto do Universo sabe o motivo pelo qual me escalou para nascer no Rio Grande do Sul. Então, desde que me conheço por seu filho, amo minha terra e, assim como para todos os gaúchos, o *sentimento nativista*<sup>29</sup> sempre esteve muito presente em mim e na cultura do meu estado. Um amor quase que exagerado pela terra natal, muito comum entre nós. Sentimento

---

<sup>29</sup> O nativismo é um conjunto de sentimentos e atitudes que priorizam e ressaltam a cultura da localidade em que pertence o indivíduo. A expressão esteve muito presente em épocas de revolta. A partir de movimentos populares contra esta culturalização, o nativismo manifestou-se com grande intensidade. O gaúcho é exemplo de amor ao seu estado, são diversas demonstrações, desde músicas a programas de rádio e TV, como por exemplo, Galpão do Nativismo (Rádio Gaúcha) ou Galpão Crioulo (RBSTV) que vigoram com popularidade.

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

este que, na minha opinião, não faz mal a ninguém desde que se respeite as opiniões dos outros. O fato é que, este sentimento nativista, nos fez amantes da boa música. Principalmente daquelas que contam as nossas histórias e que, a partir delas, “*servam nossas façanhas, de modelo a toda terra*” ... como diz um trecho do hino do Rio Grande do Sul”.

Encontros, rodeios, tertúlias, festivais de músicas, programas de rádio e televisão, fazem do sentimento nativista uma marca sulista. E eu cresci ouvindo as músicas regionalistas do Rio Grande, assim com as canções dos nossos Hermanos Argentinos e Chilenos, também recheadas de sentimentos nativistas.

Ao ouvir Mercedes Sosa<sup>30</sup> interpretando belissimamente a composição de Violeta Parra<sup>31</sup> intitulada “*Gracias a la Vida*” dei-me conta da grandiosidade da letra e do alto poder de reflexão que esta bela canção nos impõe sobre a vida, sobre o homem e a consciência de si.

“*Gracias a la vida*” nos faz pensar sobre nossa trajetória enquanto homens ditos livres e de bons costumes.

Nos faz lembrar que, eventualmente, esquecemo-nos de dar “*Gracias a la Vida*”, ao Grande Arquiteto do Universo por tudo que aprendemos, por tudo que somos, por tudo que temos, por tudo que nos tornamos e por tudo que ainda teremos de possibilidades, quanto ao aprendizado dentro das nossas relações sociais.

---

<sup>30</sup> Mercedes Sosa (1935 – 2009) foi uma cantora argentina, uma das mais famosas na América Latina. sua música tem raízes na música de seu país. Ela tornou-se uma das expoentes do movimento conhecido como Nueva Canción. Apelidada de “La Negra” pelos fãs, devido à ascendência ameríndia, ficou conhecida como a voz dos “sem voz”.

<sup>31</sup> Violeta del Carmen Parra Sandoval (1917-1967) foi uma compositora, cantora, artista plástica e ceramista chilena, considerada a mais importante folclorista e fundadora da música popular chilena.

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

Se fizermos uma comparação entre a letra desta bela canção e a nossa vida, associando-a ao nosso amor fraterno pela nossa família, pelos nossos amigos, nossos irmãos e a nossa conduta, poderíamos, sim, falarmos ao nosso íntimo e externamos a todos exatamente as mesmas palavras usadas por Violeta Parra para a composição da letra dessa bela música. Que nos diz:

“Graças à vida que me deu tanto.

Me deu dois olhos que quando os abro distingo  
perfeitamente o preto do branco.

E no alto céu, seu fundo estrelado

E nas multidões... mulher que eu amo

Graças à vida que me deu tanto

Que me deu o ouvido...que, em toda sua amplitude, grava  
noite e dia grilos e canários, martelos e turbinas, tijolos e  
tempestades

E a voz tão terna de meu amado

Me deu o som do alfabeto e com ele as palavras que eu penso  
e pronuncio.

Mãe, amigo e irmão e luz iluminando, a rota da alma de  
quem estou amando

Graças à vida que me deu tanto.

Me deu a marcha aos meus pés cansados.

Com eles andei cidades e charcos praias e desertos,  
montanhas e planícies.

E a casa sua, sua rua e seu pátio.

Graças à vida que me deu tanto

Me deu o coração, que agita seu marco

Quando olho o fruto do cérebro humano

Quando olho o bom tão longe do mal

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

Quando olho o fundo de seus olhos claros  
Graças à vida que me deu tanto.  
Me deu o riso e me deu o pranto  
Assim eu distingo fortuna de quebranto  
Os dois materiais que formam meu canto  
E o canto de vocês que é o mesmo canto  
E o canto de todos que é meu próprio canto  
Graças à vida, graças à vida, graças à vida, graças à vida”

E eu lhe digo, meu netinho:

Gracias a la Vida pela família onde nasci;  
Gracias a la Vida pela família que construí;  
Gracias a la Vida, por ter me tornado um Maçom;  
Gracias a la Vida, por estar tentando ser um construtor de templos à virtude;  
Gracias a la Vida, por estar tentando ser simples, humilde e benevolente;  
Gracias a la Vida, por estar tentando ser fraterno com todos;  
Gracias a la Vida, por ter me dado verdadeiros amigos, familiares e irmãos;

Gracias a la Vida por eu existir e por ter recebido do Grande Arquiteto do Universo sua permissão para esta existência, para esta passagem pela Terra e pela minha consciência sobre o eu que habita em mim e que busca a cada dia ser melhor, livre e de bons costumes.

Gracias a la Vida por ter me dado...tanto.

## *Capítulo final*

---

---

... Ôh Vô! Eu tenho algumas perguntas...

**Lucca Noah:** Quem era o senhor preto que falou sobre um nome e sobre ser feliz?

**Bagalilo:** Não sei! Nem o Mário ficou sabendo quem era ele.

**Lucca Noah:** Por que ele tinha um anel com um compasso e um esquadro?

**Bagalilo:** Ele tinha no anel um compasso e o esquadro que são o símbolo da Maçonaria.

**Lucca Noah:** Qual foi o nome que ele cochichou no ouvido de Mário para que seu filho fosse feliz?

**Bagalilo:** O nome que ele cochichou no ouvido do Mário foi...**Elson.**

**Lucca Noah:** Mas, Vô. Você é feliz?

**Bagalilo:** Se eu sou Feliz? *Sou muito feliz!*

Por ser ELSON também! Porém, com relação ao mistério daquele pedido tão inusitado, não sei. Talvez não seja nem aqui nesse mundo que descobrirei.

Só sei que tudo que acontece com a gente tem um propósito, tem um porquê. Contudo, hoje posso olhar para trás, percorrer minha trajetória, fechar meus olhos, respirar pausadamente e de forma consciente, relaxar, pensar na minha caminhada, perceber quanto as minhas experiências do passado



*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

– as dolorosas e as felizes – foram importantes para eu chegar aonde cheguei. Então abro um sorriso nos lábios, sinto o coração batendo mais forte e digo com toda a tranquilidade e com toda a certeza desse mundo: é verdade! Eu fui, eu sou e continuarei sendo um cara muito feliz.

Então, Lucca Noah... isso quer dizer que o fato de eu ter nascido no dia 16 de setembro do ano de 1959 e ter recebido o nome de Elson para ser uma pessoa feliz, creio, ter sido a principal coisa que me aconteceu...

***Fim***

---

---

Hoje, de coração puro e alma limpa, busco me encontrar nas pequenas coisas que vão tornando-se grandes na medida que aceito o desafio de ser quem eu sou, um eterno aprendiz. Mas sempre disposto e com muita vontade de viver esse espetáculo chamado vida como protagonista principal.

Mesmo sendo, a vida, tão fugaz e tão efêmera.

***Elson Luís de Oliveira Streb***

***O Bagalilo***

## *Créditos*

---

---

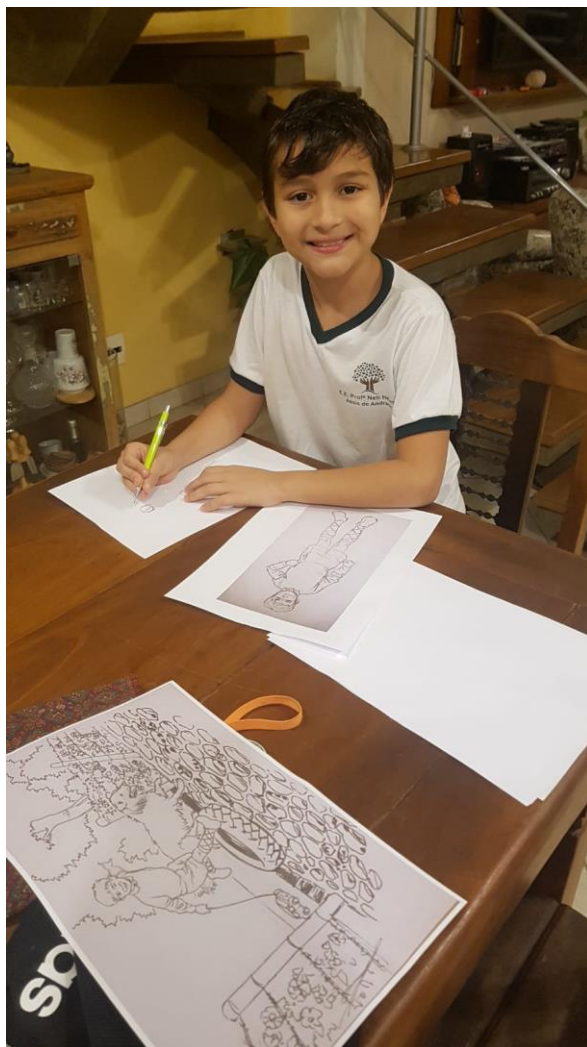
Figura 20 - Bagalilo e seu cachorro Rex - Lucca Noah - 13 set. 2022.



Fonte: Acervo do autor.

***Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz***

Figura 21 - Lucca Noah Kussama Zatyрко, 8 anos, conhecendo os desenhos da capa e criando seu desenho sobre o Bagalilo. 13/09/2022.



Fonte: Acervo do autor.

## ***Sobre o autor***

---

---

**Elson Luís de Oliveira Streb** é licenciado Filosofia pela Universidade Paulista, professor de Filosofia, escritor, poeta, biógrafo, pesquisador independente, empresário, palestrante, instrutor de treinamento de emergências, educador de cursos profissionalizantes e fotógrafo autodidata;

Mestre Maçom integrante da **Augusta, Respeitável, Benfeitora Loja Simbólica Paul Harris, nº 306** na cidade de Campinas/SP – filiada ao Grande Oriente Paulista e a Confederação Maçônica do Brasil – COMAB.

Mestre Maçom integrante da **Augusta, Respeitável, Loja Simbólica de Estudos e Pesquisas Estrela Polar, nº 433** na cidade de São Paulo/SP – filiada ao Grande Oriente Paulista e a Confederação Maçônica do Brasil – COMAB.

Fundador da **A.:R.:L.:S.: São João de Jerusalém nº 402** fundada em 23 de agosto de 2017 no Oriente de Campinas/SP – sendo membro efetivo até abril/2021.

Acadêmico da **Academia Maçônica de Letras de Ciências, Letras e Artes da Confederação Maçônica do Brasil** – representando o Grande Oriente Paulista. Patrono o **Ir.: José Caccáos**. A academia congrega Acadêmicos de todos os Estados Brasileiros e de todas as Potências e Obediências.

Acadêmico da **Academia Campinense Maçônica de Letras** - cadeira de número 22 – Patrono: Benjamim Constant.

Premiado com 01 artigo na **categoria Mestre Maçom**, no concurso da Academia Maçônica de Ciências Letras e Artes da Confederação Maçônica do Brasil em comemoração aos 200 anos da Proclamação da Independência do Brasil – setembro/2022 com o seguinte título: **O Néctar dos Deuses**;

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

Premiado na **categoria Acadêmico**, no concurso da Academia Maçônica de Ciências Letras e Artes da Confederação Maçônica do Brasil em comemoração aos 200 anos da Proclamação da Independência do Brasil – setembro/2022 com o seguinte título: **O Barulho do Silêncio**;

Premiado na **categoria Aprendiz Maçom**, no concurso da Academia Maçônica de Ciências Letras e Artes e Revista O Prumo em comemoração aos 50 anos da Revista Maçônica O Prumo – agosto/2021 com os seguintes títulos: **A Venalidade Maçônica e Simbologia e Alegoria**;

Premiado na **categoria Mestre Maçom**, no concurso da Academia Maçônica de Ciências Letras e Artes e Revista O Prumo em comemoração aos 50 anos da Revista Maçônica O Prumo – agosto/2021 com os seguintes títulos: **O Poderoso Anel de Rubi Cor de Sangue, O Mestre Motivador e O Que Queres Que Faça?**

Premiado na **categoria Acadêmico**, no concurso da Academia Maçônica de Ciências Letras e Artes da Confederação Maçônica do Brasil e Revista O Prumo em comemoração aos 50 anos da Revista Maçônica O Prumo – agosto/2021 com os seguintes títulos: **Aprendendo Maçonaria com os Bambus e Carvão ou Diamante. A Escolha é Sua.**

Vencedor do **1º Prêmio Literário Adair Peres de Carvalho edição 2017 do GOP** – Grande Oriente Paulista - na categoria Filosofia e/ou Simbologia Maçônica com a Peça de Arquitetura denominada: **Apenas um Ponto Preto sobre um Papel Branco** – Grau Aprendiz Maçom;

Vencedor do **3º Prêmio Literário Adair Peres de Carvalho edição 2019 do GOP** – Grande Oriente Paulista - na categoria Filosofia e/ou Simbologia Maçônica com a Peça de Arquitetura denominada: **O Que Queres que eu Faça?** – Grau Aprendiz Maçom.

## *Outros títulos do autor*

---

---

- Em dezembro/2022 - artigo autoral, em português, publicado na Revista Digital Fraternidad nº 09 – Ano 2 – Página APORTES DE OTROS ORIENTES – da Resp.: Loja Libertad nº 219 – Urb. Las Polonias Viejas San Antonio de los Altos, Edo. Miranda, Venezuela – com título: ***AS FORMIGAS DA MAÇONARIA;***
- Em outubro/2022 – artigo autoral publicado na Revista O Pensador da Academia Campinense Maçônica de Letras, com o título: ***O BARULHO DO SILÊNCIO;***
- Em julho/agosto/2022 – artigo autoral publicado na Revista Maçônica – O PRUMO – edição 263 – com o título: ***A VAIDADE EM TEMPOS DE CAOS;***
- Em julho/2022 – artigo autoral, em português, publicado na Revista Digital Fraternidad nº 08 – Ano 02 – da Resp.: Loja Libertad nº 219 – Urb. Las Polonias Viejas San Antonio de los Altos, Edo. Miranda, Venezuela – com título: ***O BARULHO DO SILÊNCIO;***
- Em março/abril/2022 – artigos autorais publicados na Revista Maçônica – O PRUMO – edição 261 – com o título: ***O QUE QUERES QUE EU FAÇA? e O PODEROSO ANEL DE RUBÍ COR DE SANGUE;***
- Em março/2022, artigo autoral, em português, publicado na Revista Digital Fraternidad nº 07 – Ano 02 – da Resp.: Loja Libertad nº 219 - Urb. Las Polonias Viejas San Antonio de Los Altos, Edo. Miranda, Venezuela – com título: ***MAÇOM PATO OU ÁGUIA – VOCÊ DECIDE!***
- Em fevereiro/2022 – artigo autoral publicado na Revista Maçônica – O PRUMO – edição 260 – com o título: ***O***

***MESTRE MOTIVADOR – AS RESPONSABILIDADES DO MESTRE NA EDUCAÇÃO MAÇÔNICA;***

- Em fevereiro/2022 – artigo autoral, em parceria com o Ir.: M.:M.: Almiro José de Andrade Junior, publicado na Revista Maçônica – O PRUMO - edição 260 – com o título: ***SIMBOLISMO E ALEGORIAS;***
- Em fevereiro/2022, artigo autoral publicado na terceira edição da Revista Eletrônica – O PENSADOR – da Academia Campinense Maçônica de Letras, com o título: ***O PODEROSO ANEL DE RUBÍ COR DE SANGUE;***
- Em fevereiro/2022, Poema autoral publicado na segunda edição da Revista Eletrônica – O PENSADOR – da Academia Campinense Maçônica de Letras, com o título: ***DUBIÊZ;***
- Em dezembro/2021, artigo autoral publicado na Revista Maçônica – O Prumo – Edição 259 – com o título: ***A VENALIDADE MAÇÔNICA;***
- Em dezembro/2021, artigo autoral, em espanhol, publicado na Revista Digital Fraternidad nº 06 – Ano 02 – da Resp.: Loja Libertad nº 219 - Urb. Las Colonias Viejas San Antonio de Los Altos, Edo. Miranda, Venezuela – com título: ***LA OVEJA PERDIDA – (A Ovelha Perdida);***
- Em outubro/2021, artigo autoral publicado na Revista Maçônica – O Prumo – Edição 258 – com o título: ***APRENDENDO MAÇONARIA COM OS BAMBUS;***
- Em outubro/2021, artigo autoral publicado na Revista Maçônica – O Prumo – Edição 258 – com o título: ***CARVÃO OU DIAMANTE? A ESCOLHA É SUA;***
- Em novembro/2020, artigo autoral publicado no Jornal Informativo da Academia Maçônica de Ciências Letras e Artes da Confederação Maçônica do Brasil – ano IX – Nº 24 – Recife/PE - [www.amcla.com.br](http://www.amcla.com.br) – com o título: ***JOSÉ CACCAÓS O MEU PATRONO;***



*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*

- Em outubro/2020, artigo autoral publicado na primeira edição da Revista Eletrônica – O PENSADOR – da Academia Campinense Maçônica de Letras, com o título: ***QUEM SÓ MAÇONARIA SABE, NEM MAÇONARIA SABE;***
- Em dezembro/2019, artigo autoral, publicado no Site de Portugal – [www.freemason.pt](http://www.freemason.pt) - Sessão MAÇONS – categoria OS MAÇONS, com o título: ***O QUE QUERES QUE EU FAÇA?***
- Em outubro/2019 Ensaio autoral publicado no livro **ANAIS DO 10º SIMPÓSIO DA ACADEMIA CAMPINEIRA MAÇÔNICA DE LETRAS 2019** com o título **DESTERRO;**
- Em dezembro/2016, artigo autoral, publicado na Revista Universo Maçônico - Sessão Vivência Maçônica, com o título: ***APENAS UM PONTO PRETO SOBRE UM PAPEL BRANCO.***

Autor de vários artigos e peças de arquitetura com temas maçônicos variados e direcionados para os graus de Aprendiz, Companheiros e Mestres além de trabalhos direcionados aos graus filosóficos.

*Bagalilo: o menino que nasceu para ser feliz*



### **Elson Luís de Oliveira Streb**

*Licenciado em Filosofia pela Universidade Paulista - UNIP, professor de Filosofia, escritor, poeta, biógrafo, pesquisador independente, empresário, palestrante, instrutor de treinamento de emergências, educador de cursos profissionalizantes e fotógrafo autodidata.*



*Mestre Maçom integrante da Augusta, Respeitável e Benfeitora Loja Simbólica Paul Harris nº 306, Campinas/SP – filiada ao Grande Oriente Paulista e a Confederação Maçônica do Brasil – COMAB.*

*Mestre Maçom integrante da Augusta e Respeitável Loja Simbólica de Estudos e Pesquisas Estrela Polar nº 433, São Paulo/SP – filiada ao Grande Oriente Paulista e a Confederação Maçônica do Brasil – COMAB.*

*Fundador da Augusta e Respeitável Loja Simbólica São João de Jerusalém nº 402, fundada em 23 de agosto de 2017, Campinas/SP – sendo membro efetivo até abril/2021.*

*Acadêmico da Academia Maçônica de Letras de Ciências, Letras e Artes da COMAB – Confederação Maçônica do Brasil – representando o GOP – Grande Oriente Paulista, ocupando a cadeira cujo patrono é o Ir. José Caccáos*

*Acadêmico da Academia Campinense Maçônica de Letras, ocupando a cadeira de número 22, cujo patrono é Benjamim Constant.*

*Apoio Institucional:*



SOLUÇÕES PARA TRABALHOS EM  
ALTURA E ESPAÇOS CONFINADOS



ISBN 978-85-66799-88-0

